



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

SHEILA LOPES DA SILVA

**O JORNAL COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM
BRASÍLIA (1960-1969): O OLHAR PARA OS JARDINS DE INFÂNCIA**

Brasília-DF

2024

SHEILA LOPES DA SILVA

**O JORNAL COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM
BRASÍLIA (1960-1969): O OLHAR PARA OS JARDINS DE INFÂNCIA**

Trabalho Final de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa.

Brasília-DF

2024

CIP - Catalogação na Publicação

L864j Lopes da Silva, Sheila.
O jornal como fonte para a história da Educação Infantil em Brasília (1960-1969): o olhar para os jardins de infância / Sheila Lopes da Silva; orientador Etienne Baldez Louzada Barbosa. -- Brasília, 2024.
62 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. História da Educação Infantil em Brasília na década de 1960. I. Baldez Louzada Barbosa, Etienne, orient. II. Título.

SHEILA LOPES DA SILVA

**O JORNAL COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM
BRASÍLIA (1960-1969): O OLHAR PARA OS JARDINS DE INFÂNCIA**

Monografia apresentada à banca examinadora da
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Data da aprovação: 13/09/2024

Profa. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa (MTC/FE/UnB)
Orientadora

Profa. Dra. Franciele Ferreira França (FE/USP)
Examinador

Profa. Dra. Benedetta Bisol (TEF/FE/UnB)
Examinadora

Profa. Dra. Norma Lúcia Neris de Queiroz (TEF/FE/UnB)
Suplente

Dedico este trabalho ao Pai, meu Pai, o único Deus verdadeiro, que possui um amor tão grande, que mesmo eu não merecendo e não tendo do que me orgulhar, por Cristo Jesus me salvou.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, não tenho nem como mensurar ou colocar no papel a minha gratidão pelo Seu imenso amor, ainda assim, nunca deixarei de Te agradecer.

Um agradecimento especial ao meu esposo Jefferson Vidal, obrigada por estar ao meu lado, por sua generosidade, força, amor e paciência. Ser a sua esposa é sem dúvida uma das maiores dádivas que recebi nessa vida.

Agradeço à minha família por seu apoio, compreensão, paciência e amor, muito obrigada a todos vocês: Adelson, Elita, Eduardo, Luzia, Diego, Fernanda, Wellington Lopes, Gabriel, Lucas, Wellington Vidal, Fran, Maria Luiza, Bryan, Bernardo, Giovanna, Noah, Esther, Helena e Heitor. E não poderia faltar você, Willian, que além de tudo contribuiu com ferramentas valiosas para esta pesquisa acontecer. Portanto, a cada gráfico aqui, lembrem-se dele.

Com muito carinho, agradeço à minha orientadora Etienne Baldez, mais que uma orientadora, foi uma amiga, encorajando e orientando mesmo nos finais de semana, com toda alegria, paciência e sabedoria. Os seus apontamentos e construções nesta pesquisa foram preciosos. Você é uma referência à qual eu esmero como pedagoga alcançar. Deixo aqui a minha gratidão e admiração.

Importantíssimos, também, são todos os professores e tutores que fizeram parte da minha trajetória durante todas as disciplinas do curso. E mais do que o conhecimento compartilhado, agradeço o desvelo que dedicaram a nós, discentes. Muito obrigada, vocês são a peça principal da nossa instituição. Em especial, agradeço aos professores que compuseram a minha banca, sem o aceite de vocês ao convite e sem as suas ponderações sobre o trabalho, não alcançaria a qualidade que apresentamos ao final.

A todos, me sinto imensamente grata!

“Aplica o coração ao ensino e os ouvidos às palavras do conhecimento.”

Provérbios 23:12

RESUMO

O objeto desta pesquisa é o jardim de infância, em específico os jardins de infância localizados em Brasília nos anos de 1960 a 1969. Para tanto, o objetivo geral foi o de inventariar em periódicos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBN), especialmente no Correio Braziliense, na década de 1960, as notícias que tratavam da criança, do seu período de vida e das práticas pedagógicas que a ela eram direcionadas na pré-escola ou pré-primário. Ao longo dessa primeira década, houve recorrentes notícias a respeito da arquitetura dos jardins de infância, a precariedade das instalações que colocava as crianças em perigo, como risco de desabamento, bem como outros problemas na estrutura física dos prédios que foram sendo arrastados ano após ano, sem que ocorresse nenhuma intervenção para que as crianças e as famílias não seguissem sem acesso a essa etapa da educação. Olhando para as práticas pedagógicas que eram direcionadas às crianças do jardim de infância, podemos refletir sobre o currículo que tem sido construído e constituído para a educação das crianças na pré-escola ao longo desses quase 64 anos desde a construção de Brasília e os nossos dias atuais. Diante o alcance da presente pesquisa, ficou evidente que há muito para ser explorado, não se esgotando aqui todos os questionamentos e conteúdo a respeito deste tema, devendo haver mais pesquisas sobre a história da educação infantil em Brasília na década de 1960.

Palavras-chave: Jardim de infância. Década de 1960. História da Educação. Brasília. Educação Infantil.

ABSTRACT

The object of this research is the kindergarten, specifically the kindergartens located in Brasília from 1960 to 1969. Therefore, the general objective was to inventory, in periodicals from the Digital Newspaper Library of the National Library (HDBN), especially in the *Correio Braziliense* during the 1960s, the news that dealt with children, their life stage, and the pedagogical practices directed at them in preschool or pre-primary education. Throughout this first decade, there were recurring reports about the architecture of kindergartens, the precariousness of the facilities that put children in danger, such as the risk of collapse, as well as other problems in the physical structure of the buildings that persisted year after year, without any intervention to ensure that children and families would not continue to lack access to this stage of education. By examining the pedagogical practices directed at kindergarten children, we can reflect on the curriculum that has been constructed and developed for the education of preschool children over these nearly 64 years since the construction of Brasília and up to the present day. Given the scope of this research, it became evident that there is much to be explored, and all questions and content on this topic are not exhausted here, necessitating further research on the history of early childhood education in Brasília during the 1960s.

Keywords: Kindergarten. 1960s. History of Education. Brasília. Early Childhood Education.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição do número total de ocorrências em cada ano de 1960 a 1969	25
Gráfico 2- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1960	26
Gráfico 3 - Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1961	26
Gráfico 4- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1962	27
Gráfico 5- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1963	28
Gráfico 6- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1964	29
Gráfico 7- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1965	29
Gráfico 8- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1966	30
Gráfico 9- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1967	31
Gráfico 10- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1968	32
Gráfico 11- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1969	33
Figura 1- A visita da Rainha Elizabeth II ao Jardim de Infância da SQ. 308	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Organização das notícias do jornal em eixos de acordo com o seu tema	23
Tabela 2- Trabalhos selecionados no levantamento bibliográfico	34
Tabela A-1 Registro das crianças do jardim de infância (1960-1969)	59
Tabela B-1 Professoras atuantes no jardim de infância (1960-1969)	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CASEB	Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília
CB	Correio Braziliense
CEMAB	Centro de Ensino Médio Ave Branca
DF	Distrito Federal
FAB	Força Aérea Brasileira
GEPESI/UnB	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre os Estudos Sociais da Infância da Universidade de Brasília
GRUPHE/UnB	Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília
HDBN	Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional
IAPB	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
IPASE	Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado
NOVACAP	Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil
PDF	Prefeitura do Distrito Federal
SciELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
UnB	Universidade de Brasília

MEMORIAL

À minha infância, onde tudo começou. Deparei-me ao refletir sobre as minhas memórias de infância e dos tempos da escola, com um sentimento de que tudo isso foi há muito tempo. Tanto que não me reconheço ao revisitá-las. É como se eu estivesse vendo as memórias de outra pessoa, que não de mim mesma.

Entretanto, apesar das mudanças visíveis e inevitáveis, é certo que a minha infância foi crucial para grande parte da pessoa que me tornei e sou hoje. Eu cresci em um meio de muita escassez, mas não só de recursos financeiros, mas também de conhecimento. Os meus pais não puderam frequentar a escola, pois tinham que trabalhar, o que era normal para as crianças naquela época em que nasceram. Assim, presenciei muita dificuldade deles e das pessoas a nossa volta em ter acesso a informações, a como demandar os seus direitos e, mais ainda, para mudar de vida.

Dessa forma, era muito marcante quando a minha mãe me falava para estudar, “que pessoas sem estudo não são gente”. Hoje, compreendo que era assim que ela se sentia por não saber comunicar com precisão o que desejava, pois as pessoas se irritavam com ela, sem entender o que queria ou por não terem paciência para explicar o que era necessário para atingir o seu objetivo. E assim a tratavam mal e, por vezes, faziam piadas. Era muito difícil para ela precisar, ver à sua frente a forma de suprir a necessidade, mas não conseguir ter acesso a ela por não ter tido o privilégio de ter obtido o conhecimento que a emanciparia e que daria a liberdade de ser o que ela quisesse, bem como ser tratada com respeito e dignidade, como todos os seres humanos deveriam ser tratados, qual seja não se sentindo menos humana só por não possuir o título de “doutora”.

A alusão a si como “doutor” era algo comum e que vem se perdendo, felizmente, nos tempos atuais. Esse termo era utilizado por pessoas que tinham feito um curso superior, uma graduação e não um doutorado, ou pessoas que eram abastadas e tomavam para si esse título, com o principal intuito de demandar respeito e mostrar que estava em uma posição de mais poder e, portanto, era superior às outras pessoas. Essa forma de agir, corroborava com o pensamento da minha mãe de “que pessoas sem estudo não são gente”.

Foi então nesse momento que a mágica aconteceu. Eu coloquei como certo na minha vida, desde a mais tenra idade, que eu iria estudar e ajudar a minha família. E assim foi. Desde o momento que entrei na pré-escola (seis anos de idade, pois não havia jardim de infância onde eu morava), me dediquei de coração a aprender tudo o que ensinavam, refazendo várias vezes

o que eu errava, na intenção de não errar mais e me tornei a melhor aluna da sala, o que me fez colocar como meta ser a melhor aluna da sala em todos os anos na escola. E assim também foi. Quando eu era criança era comum esse tipo de avaliação classificatória, que implica em incentivar as crianças a competirem umas com as outras. Além de tudo, não é muito justa, já que cada criança tem um tempo para aprender. Isto é, se uma criança lê bem e tem um vocabulário mais diversificado e a outra não, é só uma questão de respeitar o tempo de cada uma, que logo as duas terão a mesma habilidade. Por isso, hoje sabemos que não se deve reprovar uma criança de oito anos porque comete muitos erros de português, já que ela irá assimilar a forma de escrever as palavras assim como as outras crianças, ainda que o seu tempo seja outro e isso não a torna melhor e nem pior do que qualquer outra criança da sua idade. Quando eu tinha oito anos vi a minha melhor amiga da sala ser reprovada exatamente por esse motivo, hoje ela com muito orgulho terminou o seu mestrado na área de saúde na Universidade de Brasília (UnB) e ministra aulas em uma referenciada faculdade de saúde de Brasília.

Ainda criança, eu já comecei a ajudar a minha mãe nas tarefas que demandavam conhecimento, ainda que eu estivesse em formação. Era o meu modo de retribuir os cuidados diários que ela tinha comigo e com os meus irmãos. Quando ela precisava realizar alguma inscrição eu lia as informações e os documentos que eram obrigatórios, para que ela não precisasse ir e voltar várias vezes, como era comum a muitas pessoas que não davam atenção às informações cruciais do processo ao qual elas estavam se inscrevendo. Não é que ela não soubesse ler, mas como disse, era comum ignorar as informações ou não as interpretar conforme era apresentado. Sabendo disso, sempre foi muito importante me esforçar e aproveitar a escola para aprender o máximo possível. Era este espaço que me proporcionava as melhores oportunidades para aprender algo novo. E não é que os adultos fora da escola não tivessem algo para me ensinar, mas a estes faltava paciência para responder as perguntas sem fim de uma criança, principalmente se estiverem trabalhando, como era quase sempre o caso. Lembro-me da minha tia me mostrar certa vez, como dobrar a roupa para ficar mais organizada nas gavetas. Eu pedi para ela me mostrar novamente com mais calma, porque me pareceu ter muitos processos para assimilar de uma vez só, no entanto ela disse que não, não iria me ensinar. Eu fiquei pedindo incessantemente, porque eu queria aprender o máximo de “coisas” que eu pudesse. Ainda assim ela não quis me ensinar. Eu fiquei chateada, porque era algo que ela sabia e podia compartilhar, mas não queria. Quando ela visitou a minha casa outra vez, voltei no assunto. Ela achou engraçado a minha insistência já que ela nem lembrava mais, mas admirou a minha vontade de “saber das coisas” e me ensinou uma das formas e disse que tinha outras,

mas não ia me ensinar. Eu bem que tentei, mas as outras ela não ensinou mesmo. Vai entender... Hoje acho cômica a situação.

Mais tarde, eu não sabia se ia poder cursar algum curso na faculdade, apesar de sonhar com isso. A minha família não possuía recursos financeiros para subsidiar este propósito, somado ao fato de eu ter crescido em um Núcleo Rural onde só havia uma escola. Esta, recebia pouquíssimos recursos e ocorria muitos horários vagos por falta de professores, que diziam não querer trabalhar em uma área rural quando convocados pela Secretaria de Educação. Uma vez tivemos um professor que veio do Rio de Janeiro para a nossa escola, porque nas proximidades todas as pessoas convocadas para a vaga recusaram. Apesar das dificuldades, dei o meu melhor, estudei sozinha com o material que tinha e consegui a tão desejada aprovação. Então, fiz a minha primeira graduação em Ciências Biológicas, vindo a estudar Ciências Ambientais concomitantemente e fiz um intercâmbio para a França na Université Paul Sabatier- Toulouse III. “Quem diria!”, foi o que eu ouvi bastante, pois a pequena Sheila saiu de um lugar remoto conhecido pelo nome Taquara para estudar no “país da Torre Eiffel”. E assim eu fui. Aprendi muito com a experiência, melhorei a minha pronúncia e compreensão do idioma francês, me desenvolvi e evolui ao estar em uma cultura diferente da qual eu estava habituada, tanto que passei a me ver com outros olhos, a ser mais gentil comigo mesma, pois eu podia me orgulhar enfim.

Então, mais um tempo se passou e já de volta ao Brasil, me deparei com a vontade de continuar estudando e ingressei em Pedagogia na Universidade de Brasília, mergulhando de vez na área da educação. Mesmo que hoje eu já ajude bastante a minha família, que era o meu intuito desde criança quando coloquei a busca pelo conhecimento como a minha maior determinação da vida, o meu sonho cresceu e hoje desejo conseguir levar conhecimento para mais pessoas que não puderam ou não tiveram acesso a uma educação de qualidade. Isto é, torná-las plenamente independentes para viver e permear pela sociedade livremente e com dignidade. Saber ler e interpretar para não ser marginalizado por uma era da informação, mas não só informação, mas informação tecnológica, que se diz acessível a todos e a qualquer momento de forma globalizada. Mas, logicamente não é assim. Pois, é necessário conhecimento. Uma tarefa simples como depositar ou sacar dinheiro no banco é uma tarefa árdua para algumas pessoas, principalmente os idosos, que não nasceram na era da informação, mas foram arrastados para ela. Ir ao banco, pode significar ter que convencer alguém da família que sabe “os botões que aperta” no caixa eletrônico, quando não, pedir ajuda para alguém que estiver lá, torcer para conseguir e estar preparado para a impaciência, desconfiança, desrespeito e grosseria, já que você não tem o conhecimento que o outro possui e é você quem precisa.

Somado a tudo isso, tenho me atentado à educação das crianças que hoje frequentam a escola com regularidade, mas que tem tido um ensino precário. A criança quando está no processo de alfabetização, está formando a sua base para desenvolver a capacidade de entender e interpretar a vida em sociedade. Quando essa fase é negligenciada, a formação da criança é igualmente prejudicada, fazendo com que passe por desafios e dificuldades diariamente. Assim, ela irá decifrar as palavras do texto, conseguindo fazer a sua leitura, mas não irá compreender a ação que deve tomar diante do que acabou de ler. Diante de situações-problemas, irá ter dificuldade em chegar a uma conclusão ou elaborar um caminho, necessitando constantemente de ferramentas que deem a resposta que ela precisa, ainda que não seja capaz de avaliá-la, apenas confiar que está correta.

Mais uma vez, o ciclo se repete. Pois, essas crianças ainda que tenham nascido na era da informação, com toda a tecnologia para auxiliá-las no seu aprendizado, com acesso à livros e textos, videoaulas gratuitas, aplicativos para aprender outros idiomas, têm a sua educação cerceada em um país que dá pouca atenção para a Educação Infantil. Sendo a primeira etapa menoscabada, não é possível formar a base para que as outras etapas sejam bem-sucedidas, formando adultos com analfabetismo funcional. Esses adultos passarão pelo mesmo processo pelo qual presenciei dos adultos da minha infância. Por isso, é imprescindível compreender a importância da Educação Infantil, para que não haja mais adultos com dificuldade em utilizar tecnologias, mesmo tendo nascido cercado delas, como enviar um *e-mail*, um *link*, bem como entender como o seu medicamento deve ser tomado, mesmo com o médico tendo escrito e explicado, como ter acesso aos seus direitos e saber os seus deveres, sem idas e vindas e mal-entendidos. Um desses direitos é o direito à educação e a uma educação de qualidade. Por isso, acredito que a educação é libertadora e transformadora. É um poder imenso e talvez por isso mesmo, tão negado pelos políticos e tomadores de decisão do nosso país.

Portanto, o meu principal objetivo, atualmente, é concluir a minha licenciatura em Pedagogia e poder estender o conhecimento a mais pessoas que precisam dele. Alcançar essas pessoas e poder garantir a elas uma vida digna, transformada e independente. É o que a educação permite acontecer e é o que eu desejo fazer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
2 UM OBJETIVO, UM CAMINHO: A PESQUISA SE APRESENTA	22
3 UM INVENTÁRIO, UMA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM AS CRIANÇAS PEQUENAS NO DF	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A- REGISTRO DAS CRIANÇAS DO JARDIM DE INFÂNCIA (1960-1969)	59
APÊNDICE B- PROFESSORAS ATUANTES NO JARDIM DE INFÂNCIA (1960-1969)	61

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi realizado na região do Distrito Federal, tendo Brasília se tornado a nova capital do Brasil, em 21 de abril de 1960, com abrangência e reconfiguração tanto nas escolas públicas como nas escolas privadas, as quais faziam a oferta de vagas para a Educação Infantil no período de 1960 a 1969. Não é possível fornecer um número exato de jardins de infância durante este período, devido à falta de centralidade dos dados, principalmente por se tratar de uma cidade recém-fundada, onde a coleta e a centralidade a respeito das instituições de ensino não eram tão rigorosas quanto nos dias atuais. O objeto de pesquisa foi o jardim de infância, local onde a criança passa grande parte da sua primeira infância e o espaço onde podemos apreender as práticas educativas na pré-escola. Tal enfoque, se justifica pela carência de estudos que abordem diretamente essas temáticas, visto que a maioria das pesquisas realizadas até o momento direcionaram seus olhares para áreas distintas, concentrando-se em outros aspectos, tais como estudos sobre o caixa escolar, a CASEB (Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília) e as dinâmicas educacionais sob as perspectivas das colunas jornalísticas, como as de Ari Cunha e Yvonne Jean (LUZ; ANJOS, 2022; ANJOS, 2022; BARBOSA, 2021; LIMA, 2022).

Embora esses trabalhos sejam de extrema relevância para a compreensão de alguns aspectos sobre os primeiros jardins de infância de Brasília, incluindo vestígios da materialidade disposta nos jardins de infância e de algumas práticas, eles acabam por apontar lacunas no que tange, principalmente, às particularidades das práticas pedagógicas voltadas para a primeira infância. Portanto, diante desse cenário, esta pesquisa se propõe a preencher uma lacuna significativa na historiografia da educação em Brasília, ao investigar esses aspectos ainda pouco explorados, permitindo uma compreensão mais ampla e detalhada a respeito dos primeiros jardins de infância desse período. De modo a corroborar com este apontamento, Baldez, Guimarães e Tavares (2023), assim como Pinto, Müller e Anjos (2020), observam que as pesquisas sobre a educação das crianças nos jardins de infância no período da construção de Brasília, é ainda um campo pouco explorado, em razão das instituições pré-escolares da recém formada cidade terem sido construídas sob caráter de improvisado, em espaços remanescentes e abaixo da demanda da população que crescia de forma acentuada, com pessoas vindo de vários lugares do Brasil em busca de novas oportunidades.

Nesse sentido, foi tomado o jornal como fonte de investigação, considerando, em específico, a primeira década após a inauguração de Brasília – 1960 – entendendo que “a

imprensa utilizada como fonte anuncia discursos e expressões de diferentes protagonistas, possibilitando inferir características e problemas de uma dada época” (MARTINEZ, 2009, p. 23). Bontempi Jr. e Silva (2019), defendem que o jornal não é um espelho da realidade, pois deve ser entendido como um portador de informações acerca desta, sobre as quais são produtos de interesses editoriais, que devem ser considerados de forma cautelosa pela operação historiográfica que busca interrogá-lo.

Lidar com jornais como fonte para a interpretação histórica na educação não é tomá-lo como um documento que expressa uma verdade, mas sim como um dos acessos possíveis ao passado para a construção, no confronto com outras fontes, de uma narrativa que permita essa aproximação com as ações educativas, como as que aqui se concentram na tríade infância, criança e prática educativa no pré-escolar ou pré-primário, tomando Brasília e a primeira década de sua instituição como capital do Brasil. Desse modo, considera-se a síntese construída por Fernandes e Kuhlmann Jr. (2012), a partir do diálogo com outros estudos:

A análise de um periódico não pode tomar a fonte como se fosse um sujeito histórico, independente das pessoas reais e das tensões existentes nas relações sociais em que se produzem os discursos e os bens culturais. Entende-se que é necessário situar o impresso como fonte de pesquisa no interior da história social, evitando-se tratar isoladamente a dimensão cultural, o que requer a busca de articulações com a história mais ampla, ou seja, os movimentos sociais e políticos, a conjuntura histórica do período da publicação e os movimentos e formações sociais em relação aos quais uma determinada publicação se articula de modo mais específico. (FERNANDES; KUHLMANN JR., 2012, p. 565).

Barbosa (2021), considerando o jornal e tratando dessa história mais ampla, demonstra toda uma estrutura oficial que deu suporte para as ações educativas nos jardins de infância, acompanhadas pela coluna da jornalista Yvonne Jean, no jornal Correio Braziliense. A autora evidencia que é possível identificar algumas pautas relacionadas ao pré-escolar, tais como: o pleito de acesso aos jardins de infância para todas as crianças de Brasília e não somente para aquelas que porventura morassem perto de suas edificações no Plano Piloto, o que caracterizava a necessidade de novas construções de espaços para tal atendimento; o reforço de que as unidades existentes precisavam de manutenção, pois muitas possuíam condições inadequadas para o atendimento de qualidade às crianças nelas matriculadas; e a publicização das práticas pedagógicas realizadas com as crianças e como que os pequenos precisavam ser desenvolvidos nesses espaços (BARBOSA, 2021).

Tal caminho indicado por Barbosa (2021) permitiu elaborar a pergunta que deu origem a esta pesquisa: que vestígios são possíveis de serem encontrados no jornal Correio Braziliense – e em outros periódicos brasileiros que se remetam à educação em Brasília – sobre as crianças,

o seu tempo de vida (infância) e as práticas educativas a elas direcionadas, na primeira década de constituição da capital, para além da coluna da jornalista Yvonne Jean?

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é inventariar nos periódicos disponibilizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBN), especialmente no *Correio Braziliense*, na década de 1960, as notícias que tratavam da criança, do seu período de vida e das práticas pedagógicas que a ela eram direcionadas na pré-escola ou pré-primário (nomenclaturas utilizadas para indicar o atendimento educacional às crianças pequenas nesse período).

É pertinente apontar que, para dar conta de tal intenção central, outros objetivos são considerados, tais como: 1) Pesquisar no jornal *Correio Braziliense*, disponibilizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, as notícias que tratam sobre jardim de infância e a educação da criança nesse espaço; 2) Analisar as práticas e questões centrais apresentadas nas notícias voltadas para o jardim de infância e a educação das crianças; e 3) Compreender o que os estudos que se voltam para a educação pré-escolar ou pré-primária no Brasil, na década de 1960, apontam sobre o atendimento, sobre as práticas com as crianças, enfim, sobre as principais questões relacionadas ao espaço educativo.

Segundo Anjos (2022b), o *Correio Braziliense* era um periódico da cadeia dos Diários Associados, cuja fundação ocorreu conjuntamente com a capital, em 21 de abril de 1960. Ainda de acordo com o autor, o jornal tinha caráter governista, dando ampla visibilidade às necessidades da população da cidade que ainda estava sendo formada e, natural e especialmente, à educação. Para Carneiro (1999), o *Correio Braziliense* não tinha uma posição ideológica exclusiva. De modo que, em alguns momentos se mostrava favorável ao nacional desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek, ou em confronto com o populismo de João Goulart ou ainda abertamente pró-militares, a partir do golpe de 31 de março de 1964, com ressalvas para quando interferia nos interesses comerciais dos Associados. Nesta matéria, a autora Morelli (2002), afirma que durante os anos 60 a cobertura do jornal *Correio Braziliense* era voltada, especialmente, para o âmbito local, qual para a fixação de Brasília no Planalto Central e assuntos regulares abordando as necessidades da cidade. Morelli (2002), acrescenta que desde o início da circulação do *Correio* houve o cuidado de oferecer ao leitor um serviço jornalístico com caráter informativo.

Este trabalho divide-se em duas seções. A primeira seção, intitulada “Um objetivo, um caminho: a pesquisa se apresenta”, aborda os procedimentos metodológicos que foram realizados para obter os resultados deste estudo. Na segunda seção, “Um inventário, uma

história das práticas educativas com as crianças pequenas no DF”, tem-se a apresentação dos resultados e a sua análise, seguida por uma discussão a partir da literatura selecionada.

1. UM OBJETIVO, UM CAMINHO: A PESQUISA SE APRESENTA

Este estudo trata-se de uma pesquisa histórica e para tanto utilizou-se como fonte de investigação o jornal publicado na região durante o período supramencionado, se tratando da primeira década da inauguração de Brasília. O acesso aos jornais de circulação ocorreu por meio da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, com acesso gratuito por meio do sítio eletrônico <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

Quando tratamos de uma pesquisa de cunho historiográfico, partimos de um problema para a construção de uma interpretação histórica, a partir de indícios, pistas e vestígios do passado (TAVARES, 2022). A base de trabalho do historiador, segundo Ragazzini (2001), é a fonte da qual advém todos os outros desmembramentos da interpretação historiográfica. Ragazzini (2001), também chama atenção para os riscos de tomar a fonte como uma verdade incontestável ou absoluta. A intermediação entre a fonte e a interpretação é realizada pelo historiador, que partindo do seu contexto, interroga, relê, escuta e narra, explicando aos contemporâneos as mensagens. Indo de encontro, Lombardi (2003) menciona que é correto dizer que as fontes não carregam a intencionalidade, na maioria das vezes, de registrar a vida e o mundo dos seres humanos, mas se esbarram em acabar se tornando testemunhos dessas dimensões. E assim, esses registros históricos, constituem os documentos, qual os testemunhos para serem utilizados pelo historiador, se aproximando e dando forma ao seu objeto de estudo.

No mecanismo de busca da Hemeroteca Digital foi inserida a palavra-chave “jardim de infância”, com o uso das aspas para que os resultados fossem diretamente relacionados ao tema da pesquisa. Deste modo, dois periódicos foram encontrados, sendo o Correio Braziliense, com 653 ocorrências e o periódico Filme e cultura 1, com apenas 2 ocorrências. Este último, foi descartado como fonte, pois, na primeira e segunda ocorrência, a menção ao jardim de infância não se tratava do estabelecimento de educação infantil, mas de uma peça de teatro sob o título “Somos Todos do Jardim da Infância”, a qual usava o termo jardim de infância de forma pejorativa. Assim, foram analisadas as 653 ocorrências do jornal Correio Braziliense, sendo selecionadas as que se encaixavam em pelo menos um dos oito eixos (**Tabela 1**), mas não se limitando a necessariamente um eixo, relacionados às questões centrais da Educação Infantil a serem investigadas neste estudo. Essas questões centrais da Educação Infantil às quais as notícias de jornal poderiam trazer, foram admitidas em eixos conforme mostra a **Tabela 1** a seguir:

Tabela 1- Organização das notícias do jornal em eixos de acordo com o seu tema.

Eixo	Tema
1	Arquitetura dos jardins de infância
2	Docentes
3	Registros Fotográficos
4	O brincar e o lúdico como práticas no jardim de infância
5	Práticas pedagógicas do jardim de infância
6	Propagandas
7	Registro Social
8	Convivência professores, pais e alunos

Fonte: Correio Braziliense – 1960-1969 – organizado pela autora

Deste modo, o Eixo 1 traz notícias a respeito da arquitetura dos jardins de infância, qual seja informações sobre a estrutura, se era adaptada para as crianças do jardim de infância, bem como o mobiliário, os brinquedos e os parques, as piscinas e o seu uso ou não, espelhos d'água, problemas na construção, como precariedades e riscos para as crianças e assim por diante, de modo que a seleção das notícias se restringiria à questão da arquitetura dos jardins.

No Eixo 2, foram selecionadas notícias a respeito dos docentes que lecionavam no jardim de infância, como quem eram, de onde vieram e a sua formação, de modo a obter um conhecimento a respeito destes docentes, pioneiros e não pioneiros da educação na nova capital, onde atualmente sabe-se muito pouco a seu respeito.

Para o Eixo 3, foram selecionadas notícias veiculadas com registros fotográficos que registravam crianças e os espaços escolares, mostrando o mobiliário, os brinquedos daquele período, as interações, a organização do espaço escolar e assim por diante.

No Eixo 4, o objetivo foi selecionar notícias a respeito do brincar e do lúdico como práticas no jardim de infância, para compreender como o brincar e o lúdico eram apresentados na década de 1960. Por vezes, a história nos mostra que nem tudo é inovação do nosso tempo, pois em décadas atrás este assunto poderia já ter sido tratado, caindo apenas na desinformação, portanto a importância da história da educação.

Em relação ao Eixo 5, procurou-se as notícias que tratavam das práticas pedagógicas do jardim de infância. Isto, para tomar conhecimento sobre como as professoras e os professores lidavam com o processo de ensino-aprendizagem, os conteúdos, artes, lista de materiais, atividades e avaliações.

Quanto ao Eixo 6, foram abrangidas as propagandas sobre os jardins de infância, oferecendo informações sobre a quantidade e localização dos jardins de infância existentes, a abertura de novos jardins, o público-alvo, sua organização, metodologias, etc.

No Eixo 7, foram selecionadas as notícias do registro social, mencionando os aniversariantes do jardim de infância, informando quem eram e onde estudavam, bem como quem eram os seus pais, isto é, fornecendo um registro histórico do corpo discente dos primeiros jardins de infância de Brasília.

No Eixo 8, retratou-se a convivência dos professores, pais e alunos, tanto entre eles como entre si mesmos. O objetivo foi compreender como era o relacionamento entre os pais e os professores, entre os professores e os alunos, das crianças com as outras crianças, e assim por diante. Neste caso, o intuito também vislumbrar as mudanças, desempenho de papéis e evoluções dos modos de se relacionar do corpo escolar ao longo do tempo.

Em linhas gerais, as ocorrências podiam trazer mais de uma informação e, portanto, pertencer a mais de um eixo ao mesmo tempo. Isto é, a notícia do jornal poderia falar sobre o brincar e o lúdico, bem como sobre os docentes daquele jardim de infância.

Todos os resultados obtidos a partir das fontes coletadas foram digitalizados e sistematizados em um banco de dados do software Microsoft Excel, para análise e tratamento estatístico por meio do próprio software onde os dados foram armazenados.

A partir do mecanismo de busca da Hemeroteca Digital utilizando a palavra-chave “jardim de infância”, para o período de 1960 a 1969, com recorte para a região do Distrito Federal, foram obtidas 653 ocorrências como resultados. Após a análise de cada uma, o número foi reduzido a 307 ocorrências relevantes e que abordavam questões centrais dos jardins de infância de Brasília. Assim, as ocorrências selecionadas foram alocadas nos eixos que respondem as perguntas centrais desta pesquisa.

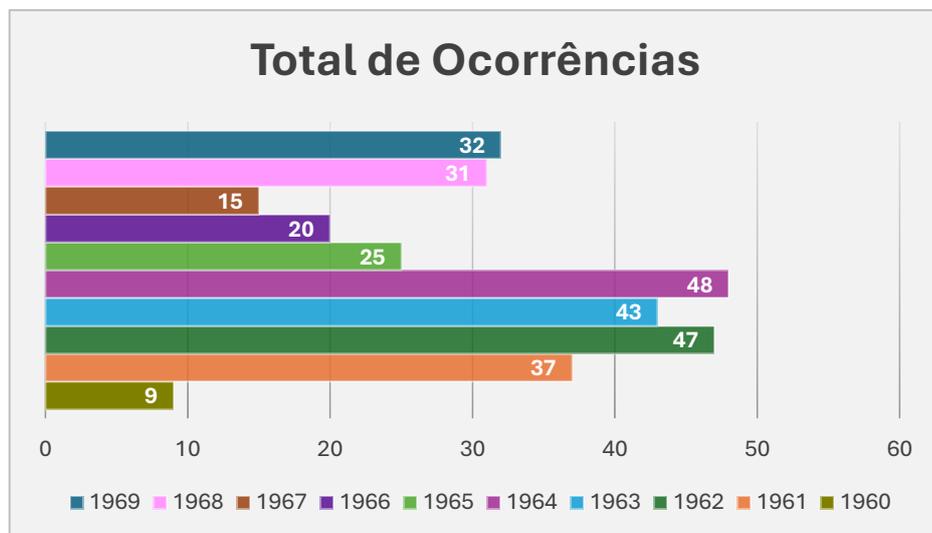
Segundo Carli (2013), é evidente que o jornal é uma fonte de pesquisa de cunho histórico valioso, pois conforme a autora podemos por meio dele desvendar parte do passado, identificando a partir da sua essência impressões do período em que circularam, ainda que de forma subjetiva. Nessa mesma linha, Baldez, Guimarães e Tavares (2023), afirmam que as fontes pesquisadas se formam como lugares de memórias, são assim, vestígios, pistas, indícios materiais e imateriais, vindo a serem produzidos por homens, mulheres e crianças. Anjos (2018), concorda ao mencionar que o historiador é o sujeito que dá voz a esse lugar e transforma os arquivos em lugares de memória, conforme mencionaram Baldez, Guimarães e Tavares (2023), e os mantêm vivos por meio do interesse, interpretação e manuseio, já que sem isso eles são apenas documentos em desuso.

Corroborando, Nora (1993) afirma que a história, para ser construída, tem a necessidade da memória; o que para Cunha (2020), é preciso também que haja dados para serem analisados e outros arquivos e textos para fins de comparação e problematização por parte do historiador.

Em acréscimo, o jornal pode ser compreendido como um espaço de visibilidade para alguns grupos em detrimento de outros, portanto, um lugar de privilégio para a construção, reconfiguração e exposição de valores, ideias e estímulos (CAMPOS, 2012).

Levando isso em consideração, o **Gráfico 1** mostra o total de ocorrências em cada ano da década de 1960, após o processo de análise das mesmas, ou seja, apresenta a distribuição das 307 ocorrências de 1960 a 1969.

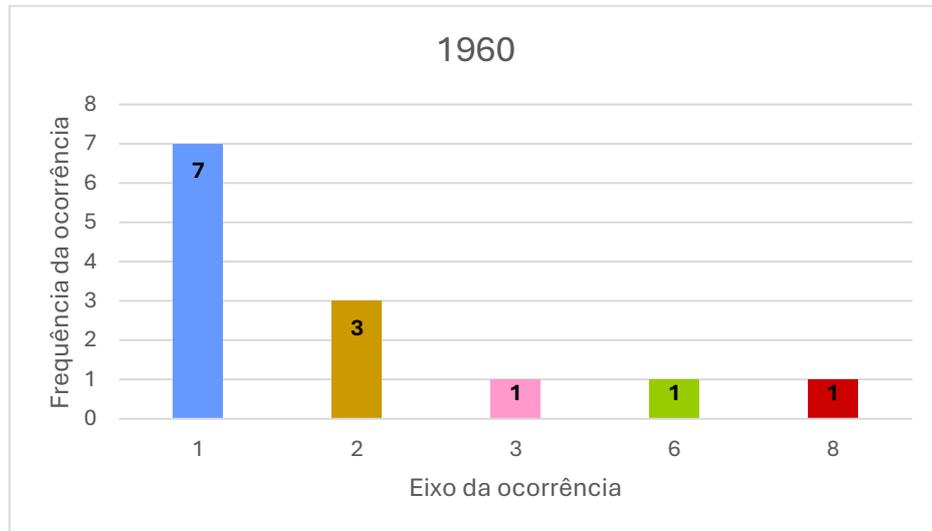
Gráfico 1- Distribuição do número total de ocorrências em cada ano de 1960 a 1969.



Fonte: Correio Braziliense, 1960-1969- Elaborado por esta autora.

O **Gráfico 1**, mostra que em 1960 houve 9 ocorrências, sendo o ano em que houve o menor número de notícias a respeito dos jardins de infância. Uma possível explicação está no fato de ser recente a construção de Brasília, recém-inaugurada em 21 de abril deste ano de 1960, com muitas obras ainda inacabadas. Em contrapartida, o ano de 1964 desponta com o maior número de notícias, seguido por 1962, um total de 48 e 47 ocorrências, respectivamente.

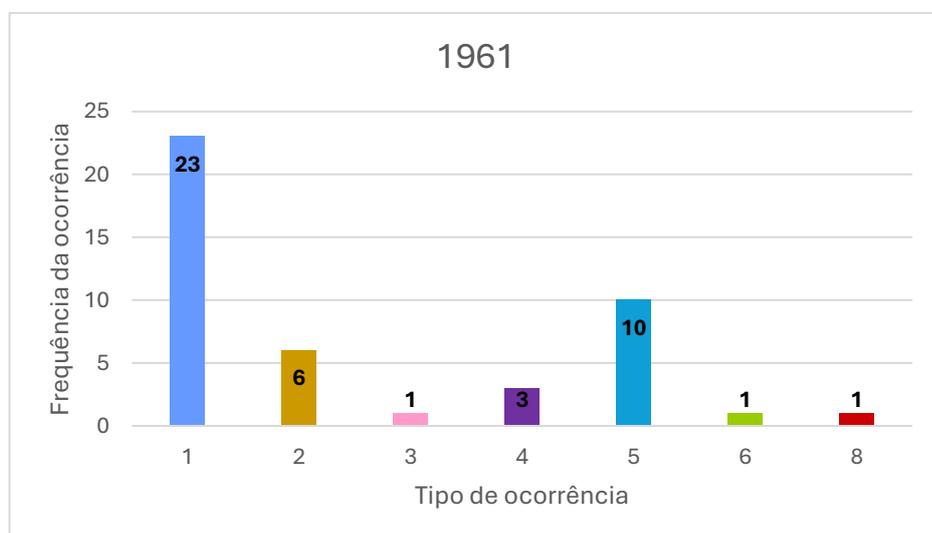
O **Gráfico 2**, apresenta quais foram os eixos ocupados por cada resultado obtido no ano de 1960.

Gráfico 2- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1960.

Fonte: Correio Braziliense, 1960 - Elaborado por esta autora.

Dessa forma, no ano de 1960 o Eixo 1 obteve o maior número de ocorrências, sete no total, seguido pelo Eixo 2 com três ocorrências. Em outras palavras, isso quer dizer que as notícias tratando sobre a arquitetura dos jardins de infância foram mais frequentes, noticiadas sete vezes no decorrer do ano, já mostrando que havia uma preocupação com a estrutura física, mobiliário, adaptação e capacidade para acolher a todas as crianças de Brasília. Enquanto as notícias relacionadas aos docentes ficaram em segundo lugar, dando pistas das origens e de quem eram os docentes que compunham a nova cidade.

No ano seguinte, 1961, os resultados foram os seguintes (**Gráfico 3**):

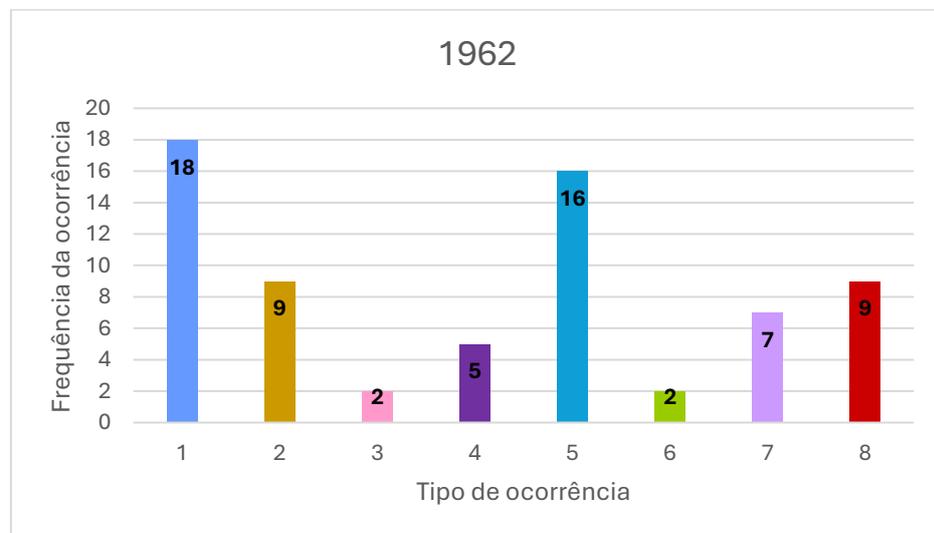
Gráfico 3 - Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1961.

Fonte: Correio Braziliense, 1961- Elaborado por esta autora.

O ano de 1961 apresentou maior predomínio de ocorrências no eixo de arquitetura dos jardins de infância, seguido por práticas pedagógicas. É pertinente percebermos esse quantitativo na relação com a própria consolidação de Brasília como capital do país, cuja construção “constituía-se em uma das metas da política nacional-desenvolvimentista implementada pelo governo Juscelino Kubitschek” (PEREIRA; ROCHA, 2011, p. 28). Logo, ainda que 1961 seja o último ano de seu governo como presidente, é plausível que as construções ainda não finalizadas ou os prédios educativos planejados e não construídos, estivessem nas páginas do jornal, nem que fossem para apontar ainda o que necessitava ser feito.

O **Gráfico 4** apresenta a distribuição das ocorrências de acordo com os eixos da pesquisa para o ano de 1962.

Gráfico 4- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1962.



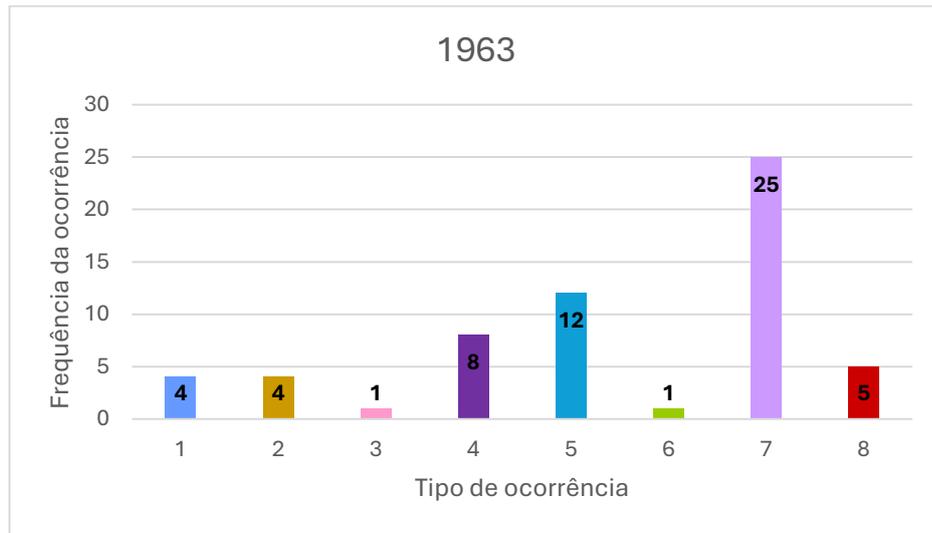
Fonte: Correio Braziliense, 1962- Elaborado por esta autora.

O ano de 1962 obteve o total de 47 ocorrências, sendo o segundo ano com mais ocorrências, a maioria delas se enquadrando no Eixo de Arquitetura dos Jardins, seguido pelo Eixo de Práticas Pedagógicas, repetindo o padrão do ano anterior. Todavia, vê-se um crescimento maior do Eixo 5, das práticas, e um decréscimo do Eixo 1, da arquitetura, de 23 ocorrências do ano anterior para 18 em 1962. Essa pequena modificação nos possibilita pensar que, após um ano de publicação do Plano de Construções Escolares de Brasília (TEIXEIRA, 1961), que indicava um sistema de educação democrático, com uma educação comum e uma

educação especializada, “a instituição escolar teria que ser repensada em seus fundamentos, alterando seus objetivos, a sua organização e os modos de funcionamento” (PEREIRA; ROCHA, 2011, p. 35). Nessa direção, os jardins de infância, incluídos nessa estrutura educativa pensada para Brasília, também necessitava repensar e publicizar suas práticas pedagógicas.

O **Gráfico 5**, abaixo, apresenta a classificação dos dados obtidos para o ano de 1963.

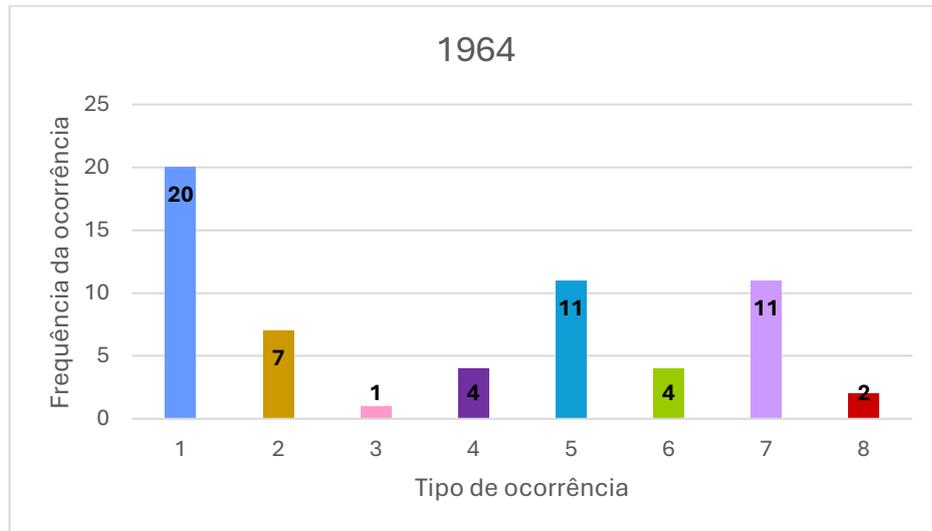
Gráfico 5- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1963.



Fonte: Correio Braziliense, 1963- Elaborado por esta autora.

Conforme o gráfico demonstra, o ano de 1963 apresentou um comportamento diferente em relação à distribuição das ocorrências. Neste ano, o Eixo 7 foi o que despontou sobre os demais, com 25 ocorrências alocadas para ele. Este eixo se refere aos registros sociais, principalmente aniversários. O Jardim de Infância da Escola Normal Nossa Senhora de Fátima tem maior responsabilidade nesse dado, considerando que se tornou um costume deste colégio, publicar uma nota no jornal Correio Braziliense, na seção denominada “Registros Sociais”, felicitando as crianças do jardim de infância matriculadas naquele estabelecimento, pelo seu aniversário. O **Apêndice A**, apresenta as informações das crianças matriculadas no jardim de infância nos anos 1960 a 1969. Após o Eixo 7, seguem o Eixo 5 (12 ocorrências) e o Eixo 4 (8 ocorrências). Estes, falam sobre as práticas pedagógicas e o lúdico e o brincar, respectivamente.

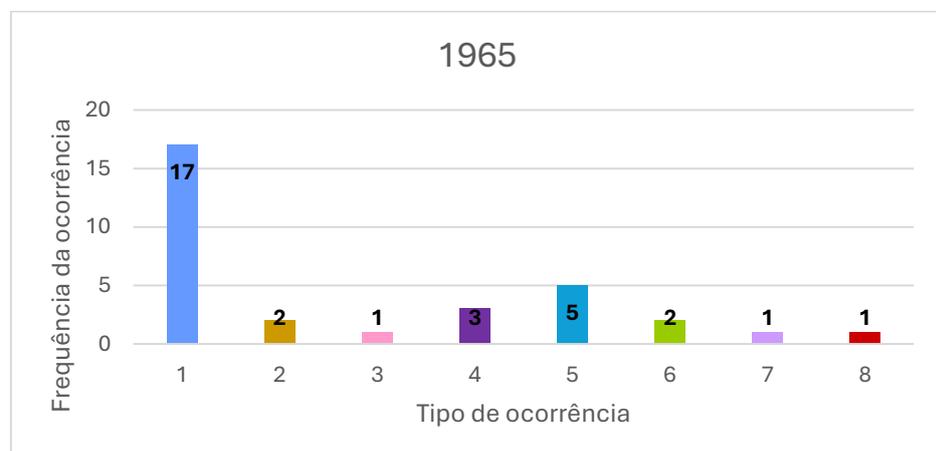
O **Gráfico 6** apresenta os resultados para a distribuição dos registros encontrados para o ano de 1964.

Gráfico 6- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1964.

Fonte: Correio Braziliense, 1964- Elaborado por esta autora.

O ano de 1964 foi o ano com mais registros de ocorrências, totalizando 48, sendo 20 delas comportadas no Eixo 1 (Arquitetura dos Jardins), seguidos pelo Eixo 5 (Práticas Pedagógicas) e 7 (Registros Sociais), empatados com 11 registros. Este foi um ano como os anos anteriores, em que a ausência de um número suficiente de jardins de infância, capazes de atender a toda a população ainda persistia. Em 19 de fevereiro, o Correio Braziliense (CB, 19/02/1964, p. 8), menciona que este problema persiste porque esta etapa não é obrigatória. A Constituição coloca o ensino como obrigatório somente a partir dos 7 anos de idade, criando uma brecha para a ausência de ação do Estado.

O **Gráfico 7** apresenta os resultados para a distribuição dos registros encontrados para o ano de 1965.

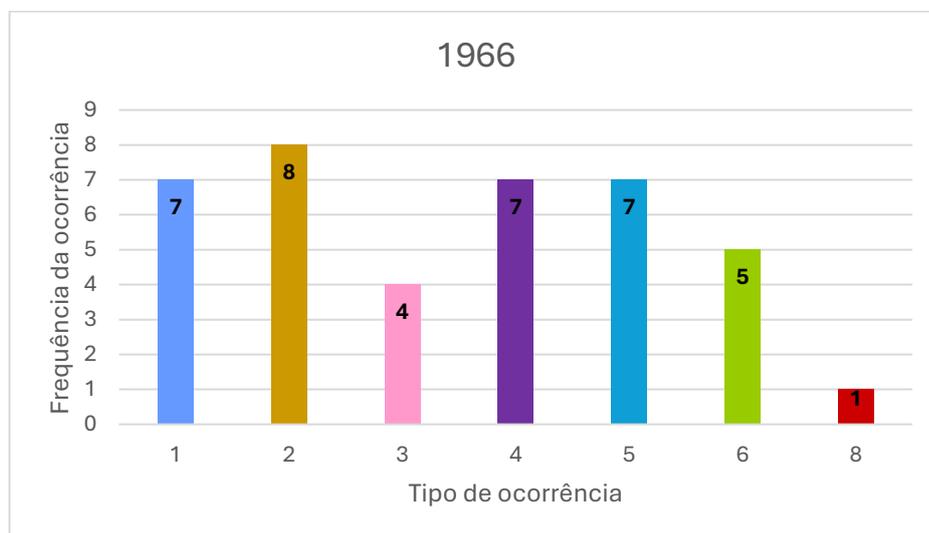
Gráfico 7- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1965.

Fonte: Correio Braziliense, 1965- Elaborado por esta autora.

Para o ano de 1965, o total de ocorrências foi de 25, sendo 17 dessas alocadas no Eixo 1 desta pesquisa, seguida pelo Eixo 5, com o total de 5 ocorrências. Este foi um ano onde houve uma discrepância das notícias sobre a arquitetura dos jardins em relação aos outros temas que envolviam os jardins de infância, partindo da persistência dos problemas anteriores ainda não solucionados e da população encontrar no jornal Correio Braziliense uma forma de pressionar o Estado para se envolver com a questão e fazer a melhoria dos prédios já existentes e a construção de novos jardins, assim proporcionando o aumento do quantitativo total de vagas disponíveis para matrículas no jardim de infância (CORREIO BRAZILIENSE, 1965).

Abaixo, o **Gráfico 8**, apresenta a distribuição dos resultados para o ano de 1966.

Gráfico 8- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1966.



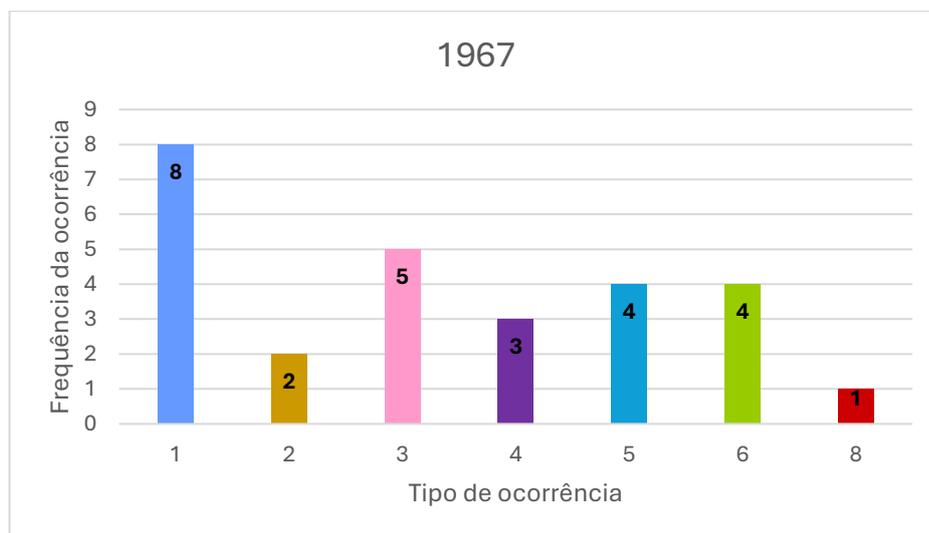
Fonte: Correio Braziliense, 1966- Elaborado por esta autora.

Apresentando um total de 20 ocorrências, o ano de 1966 teve maior concentração de registros no Eixo 2 (oito ocorrências), contrariando o comportamento observado nos anos anteriores. Em sequência, aparecem os Eixos 1, 4 e 5, com sete ocorrências cada. A quantidade maior de ocorrências para o Eixo 2 pode ser explicada pelo fato de terem aumentado a citação dos nomes e informações a respeito das professoras no jornal, em ocasiões em que eram noticiados eventos e comemorações dos jardins de infância. O **Apêndice B**, apresenta estes dados das primeiras professoras que fizeram parte da Educação Infantil na primeira década de Brasília, servindo como um valioso registro histórico para pesquisas futuras. Enquanto isso, o Eixo 1 aparece reportando questões já existentes nos anos anteriores, como o caso do Jardim de Infância da SQ. 208, que ainda estava sem funcionar por risco de desabamento, portanto, fechado já há dois anos (CB, 18/02/1966, p. 8).

Mas é interessante atentar-se para um equilíbrio entre os eixos com exceção do Eixo 3, de registros fotográficos, e do Eixo 8, sobre convivência entre docentes, responsáveis e crianças, considerando o período em que, desde 1964, tem-se instaurado no Brasil a Ditadura Militar. Em um ambiente onde se estava posto e crescendo há dois anos tal regime – que promoveu a centralização do poder político e administrativo do país; que implementou reformas educacionais com o objetivo de alinhar a educação aos interesses do regime, buscando formar cidadãos obedientes e alinhados com a ideologia do Estado; quando livros, materiais didáticos e manifestações culturais foram censurados, limitando o acesso dos estudantes a diferentes ideias e perspectivas; quando as universidades, consideradas focos de oposição ao regime, foram submetidas a um rígido controle, com a nomeação de interventores e a perseguição a professores e estudantes; com padronização de ensino; com limitação da liberdade de expressão, entre outros – é de se entender porque não se apontava na página do jornal fotografias, que poderiam comprometer as professoras e os jardins de infância, e nem se alardeavam as relações entre os pais, docentes e crianças, que poderiam indicar alguma ideologia política.

O **Gráfico 9**, apresenta os resultados da distribuição das ocorrências dentro dos eixos desta pesquisa para o ano de 1967.

Gráfico 9- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1967.

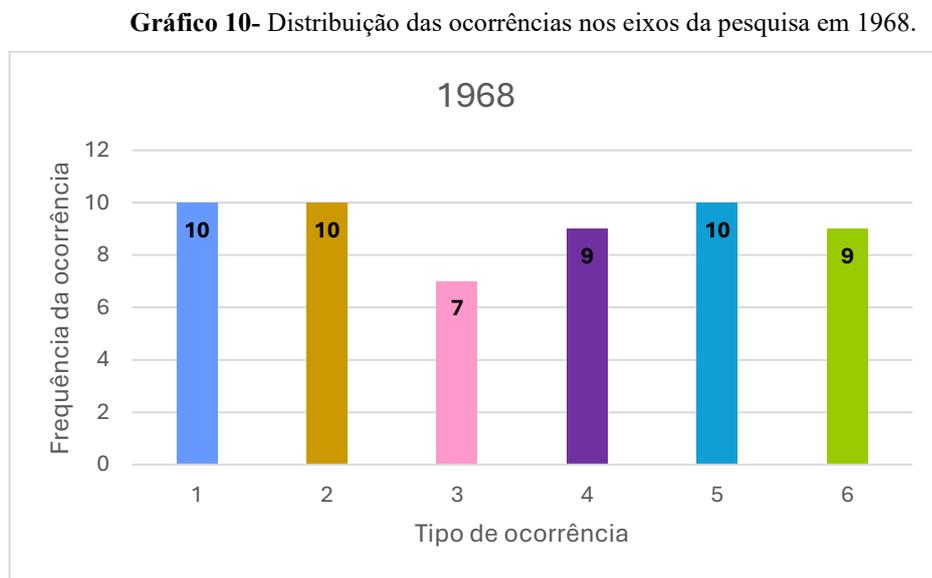


Fonte: Correio Braziliense, 1967- Elaborado por esta autora.

O ano de 1967, foi o segundo ano desta década de 60 a apresentar o menor número total de ocorrências (15), ficando atrás somente do ano de 1960 (9). Deste total, oito foram do Eixo 1, seguido pelo Eixo 3, com cinco ocorrências. No mesmo sentido dos anos anteriores, o Jardim

de Infância da SQ. 208, encontrava-se interdito, tendo sido publicada uma concorrência pública para fazer a demolição e reconstrução, no entanto, foi anulada para ser realizada novamente. Os registros fotográficos do jornal Correio Braziliense, mostram o jardim com nenhuma obra iniciada, o que aconteceu ao longo de todo o ano. Todavia, os registros fotográficos ficaram impossibilitados de serem inseridos nesta pesquisa, devido aos originais digitalizados na Hemeroteca Digital apresentarem baixíssima qualidade visual e a consulta aos arquivos físicos ter sido impossibilitada (CORREIO BRAZILIENSE, 1967).

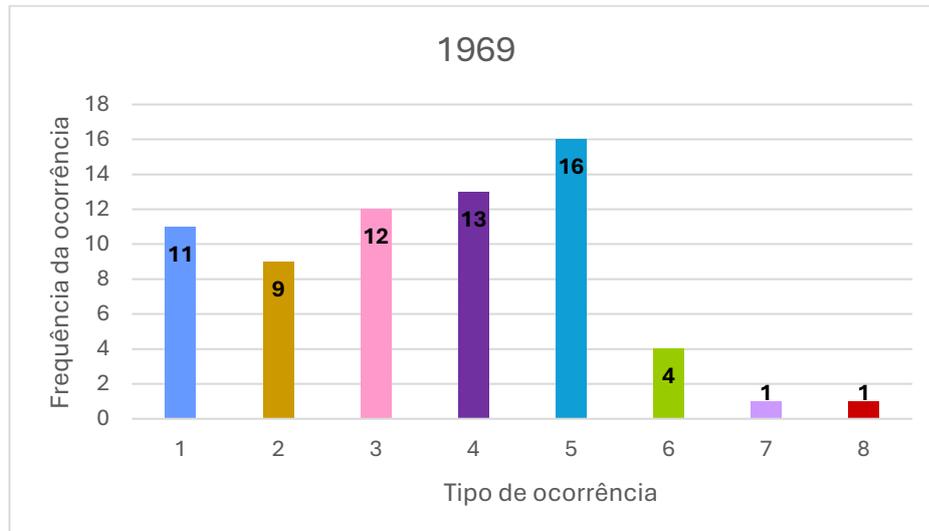
Abaixo, o **Gráfico 10**, apresenta a distribuição dos resultados para o ano de 1968.



Fonte: Correio Braziliense, 1968- Elaborado por esta autora.

O ano de 1968, apresenta uma tendência diferente do padrão dos anos anteriores. Com um total de 31 ocorrências, apresentou os Eixos 1, 2 e 5 com um total de dez ocorrências cada. Em sequência, os Eixos 4 e 6 apresentaram nove ocorrências cada e, por último, o Eixo 3, com sete ocorrências. Deste modo, a distribuição se deu de forma homogênea nos eixos da pesquisa, exceto para aqueles que não apresentaram nenhuma ocorrência, como os Eixos 7 e 8. Nota-se que essa homogeneidade entre os eixos da pesquisa aponta para uma diversidade maior de notícias a respeito dos jardins de infância, não se atendo somente a um assunto, mas havendo um possível interesse genuíno pela educação infantil em mais de uma questão. De igual forma, é possível que após estes sete anos da inauguração de Brasília, a forma de ver a educação infantil tenha mudado na sociedade brasiliense, angariando maior relevância e interesse do público, o que possibilitou uma discussão pluralizada pelos jornalistas.

Abaixo, o **Gráfico 11**, apresenta a distribuição dos resultados para o ano de 1969.

Gráfico 11- Distribuição das ocorrências nos eixos da pesquisa em 1969.

Fonte: Correio Braziliense, 1969- Elaborado por esta autora.

O último ano da década de 1960, ou seja 1969, apresentou um resultado de 32 ocorrências totais, sendo 16 para o Eixo 5, seguido pelo Eixo 4 com 13 ocorrências. Tornou-se evidente que a quantidade de jardins de infância não era suficiente ainda para atender a toda a população brasiliense, com o agravante de alguns continuarem fechados para reformas. O Jardim de Infância da SQ. 208, consta como um desses em reforma, e ainda paralisada devido à falta de verba. A conclusão das obras nesse Jardim ocorreu somente em novembro de 1969. Enquanto o Jardim da SQ. 308, segundo os pais das crianças matriculadas no estabelecimento, tinha instalações muito luxuosas, a ponto dos seus filhos serem impedidos de usá-las, como a casa de boneca, que ficava fechada, estando no Jardim somente para as visitas virem e admirarem (CB, 1969).

Para a discussão com os pares, foram selecionados artigos e trabalhos publicados e encontrados por meio do mecanismo de busca *Google Scholar*. Isso, porque ele apresentou melhor precisão e diversidade nas respostas por meio do uso de palavras-chave, que outros mecanismos de buscas de trabalhos científicos, como o *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, não apresentaram bons retornos, omitindo autores já conhecidos da área. No recorte temporal foi considerado os trabalhos publicados dentro do período de sete anos (2018-2024). Considera-se este recorte por localizar um início de pesquisas que se voltam para os Jardins de Infância em Brasília a partir dos projetos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (GRUPHE/UnB), coordenado pelo Prof. Dr. Juarez José Tuchisnki dos Anjos e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância da Universidade de Brasília (GEPESI/UnB), coordenado

pela Profa. Dra. Etienne Baldez e pela Profa. Dra. Monique Voltarelli. Desse modo, foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: “jardim de infância”; “Brasília”; “Década de 1960”. Considerou-se na busca a década de 1960, porque foi observado que, sem essa demarcação cronológica, a busca contemplava inúmeros trabalhos com o foco atual no jardim de infância de Brasília.

A busca retornou 1.790 resultados aproximadamente, com seleção para qualquer idioma. Os critérios para a seleção de um trabalho foram: 1) Primeiro ler o título e verificar nele a relação com o objetivo deste trabalho ou com o objeto; 2) Verificada essa primeira relação, foi lido o resumo; 3) Confirmado no resumo a possibilidade de diálogo com a pesquisa realizada no trabalho com este estudo, ele foi separado para ser lido na íntegra e suas contribuições comparecem ao longo desta escrita (**Tabela 2**). A seleção por título ocorreu até a página 17 de resultados do *Google Scholar*, pois, a partir desta, os trabalhos não se adequavam mais no objeto desta pesquisa.

Tabela 2- Trabalhos selecionados no levantamento bibliográfico.

Título	Autor(a)	Ano	Classificação
Cidade nova, escolas novas? Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília	Chahin	2018	Tese
Entre o passado e o presente: contrastes de acesso à Educação Infantil no Distrito Federal	Pinto, Müller e Anjos	2018	Artigo
O testemunho dos arquivos e o trabalho do historiador da educação	Anjos	2018	Artigo
Sobre o “nascimento dos intelectuais”: repercussão do “affaire Dreyfus” nas imprensas paulista e mineira (1898-1899)	Bontempi Jr. e Silva	2019	Capítulo de livro
Indícios das práticas educativas realizadas nos jardins de infância criados na década de 1960 em Brasília	Silva	2020	Monografia
Eu te dedico: história, educação e sensibilidades nas dedicatórias de livros de um professor catarinense (1940-1980)	Cunha	2020	Artigo
Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos Jardins de Infância (1960-1962)	Pinto, Müller e Anjos	2020	Artigo
O processo de escolarização do Distrito Federal na década de 1960: o que dizem os jornais	Spagna e Silva	2020	Capítulo de livro
O jardim de infância da escola normal de Brasília: vestígios de uma prática	Santos	2020	Monografia
Notícias da pré-escola no Distrito Federal: apontamentos de Yvonne Jean (1960-1964)	Barbosa	2021	Artigo
Financiamento e usos da caixa escolar nos jardins de infância de Brasília (1960-1970)	Luz e Anjos	2022	Artigo

Ari Cunha e as críticas ao sistema de ensino de Brasília na coluna Visto, Lido e Ouvido (Correio Braziliense, 1960-1965)	Anjos	2022a	Artigo
A ordem do Presidente JK: formação de professores primários e interesses políticos na criação da Escola Normal Júlia Kubitschek, 1960	Lima	2022	Artigo
O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971)	Anjos	2022b	Capítulo de livro
Inventariando fontes, conhecendo os jardins de infância em Brasília 1960-1970	Tavares	2022	Monografia
Inventariando fontes, construindo interpretações históricas: a creche e jardim de infância em Brasília (DF, 1960-1970)	Baldez, Guimarães e Tavares	2023	Artigo
Festas escolares em Brasília: o olhar da jornalista Yvonne Jean (1962-1968)	Anjos, Ribeiro e Sá	2023	Artigo
Práticas comemorativas da semana da criança na escola parque de Brasília (1960-1971)	Oliveira e Anjos	2024	Artigo

Fonte: *Google Scholar*, 2018-2024 -Elaborado por esta autora.

Os estudos encontrados permitem o diálogo neste estudo considerando: o período de construção de Brasília e a relação com o Plano de Construções Escolares de Brasília (TEIXEIRA, 1961), o uso do jornal Correio Braziliense como fonte para compreender a constituição dos jardins de infância, principalmente quando se tomam as colunas de Yvonne Jean, Ari Cunha e Katucha; e, por fim, a indicação de algumas práticas que estavam sendo colocadas em ação nesses espaços educativos das crianças pequenas em Brasília. Nesse sentido, um estudo como este, que tem como objetivo central inventariar as notícias sobre as crianças pequenas no jornal Correio Braziliense na década de 1960, localizando nelas também os vestígios das práticas, possibilita congregar mais informações sobre a primeira década da capital na relação com os jardins de infância e a educação nesses espaços. Foi nesse encaixe que se constituiu os diálogos com os estudos aqui indicados.

2. UM INVENTÁRIO, UMA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM AS CRIANÇAS PEQUENAS NO DF

Para compreender a importância desses dados, nos remetemos a Bloch (2002), que afirma a importância de conhecer a História. O autor ressalta que o passado é um lugar onde nada poderá ser mudado, mas o conhecimento a seu respeito é progresso, é transformador e uma ferramenta de aperfeiçoamento. Assim, os primeiros jardins de infância de Brasília surgiram na década de 1960 e os dados a seu respeito nos darão luz para entender o seu passado e como estamos no lugar a que chegamos, para a partir desse ponto entrever e delinear aperfeiçoamentos a se julgar necessários. Ragazzini (2001), provoca ao mencionar que a fonte histórica é uma ponte, que por mais que se reporte ao passado não está mais nele, pois ao ser interrogada é uma operação teórica produzida no presente ainda que seja o próprio passado.

Em 1960, a predominância foi de notícias sobre a arquitetura dos jardins de infância. A capital do Brasil, acabava de ser mudada do Rio de Janeiro para Brasília, com a cidade ainda em construção e um pouco diferente do que estava desenhado no projeto urbanístico de Lúcio Costa. Portanto, se tornaram constantes as reclamações sobre a precariedade no funcionamento dos jardins de infância e a falta de vagas para a população que cada vez mais crescia. Baldez, Guimarães e Tavares (2023), afirma que já constava no projeto arquitetônico de Brasília, espaços demarcados previamente para a construção dos jardins de infância. Por conseguinte, cada quadra teria um jardim de infância, composto por 4 salas e funcionamento em dois turnos, com capacidade para o atendimento de 160 crianças, sendo oito turmas de 20 crianças (TEIXEIRA, 1961). Contudo, dentro do planejado, não estava o possível aumento da população e a falta de verba.

No dia 27 de abril, o jornal Correio Braziliense (CB, 27/04/1960, p. 8), menciona que o jardim de infância está funcionando de forma precária, visto que o mobiliário definitivo ainda não chegou, mesmo com as aulas já tendo sido iniciadas. Também é mencionado que há desorganização, estando o *playground* sendo utilizado por crianças matriculadas e não-matriculadas e, de igual forma, a piscina é utilizada até por adultos moradores da quadra. Enquanto isso, Ari Cunha, autor da coluna “Visto, lido e ouvido”, registra a falta de segurança e policiamento do Jardim de Infância da Caixa Econômica, que se agrava pela falta de cercamento do prédio e pelas paredes de vidro, se tornando alvo de pessoas de má índole, que nas palavras do autor, no último ocorrido levaram até o relógio desta instituição de ensino. Com isso, no ano inicial da inauguração de Brasília já é percebido muitos problemas em relação à

construção, organização e uso do espaço destinado às crianças pequenas (CB, 17/12/1960, p. 2).

Anísio Teixeira foi o idealizador do Plano Educacional de Brasília, quando esteve como diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Teixeira (1961), propunha a criação de ofertas de escolarização desde o jardim de infância ao Ensino Superior. A intenção do autor era que o seu modelo aplicado em Brasília se transformasse em um exemplo a ser seguido pelo sistema educacional de todo o país, isto é, do Brasil. O jornal *Correio Braziliense*, nascido com a capital, fez a cobertura atualizando a população da implantação desse ideal, se tornando um assunto recorrente de algumas colunas do jornal, como a “Visto, Lido e Ouvido” por Ari Cunha, a “Sociais de Brasília” por Katucha e a “Ensino dia a dia” por Yvonne Jean (ANJOS, RIBEIRO e SÁ, 2023; ANJOS, 2022b).

Já havia quase um ano que a nova capital do país foi inaugurada, mas ainda assim permanecia a falta de jardins de infância nas cidades satélites, como Taguatinga por exemplo (CB, 11/02/1961, p.7). Mesmo em Brasília, o sistema escolar não estava funcionando conforme foi planejado, considerando que no mês de março, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB) sob alcunha de “barraco do IAPB” foi transformado em um jardim de infância, com uma estrutura feita em madeira e bastante precária, principalmente em relação à insalubridade, o que colocou a saúde das crianças em risco e, conseqüentemente, levou a população a pedir o seu fechamento (CB 19/03/1961, p. 8). Além disso, o Jardim de Infância da SQ. 108, não recebeu matrículas das crianças residentes na quadra porque o prédio foi concluído, mas o mobiliário não foi adquirido para o início das aulas (CB, 28/06/1961, p. 8).

Conforme constava no Plano, Anísio Teixeira projetou para as quadras do Plano Piloto de Brasília, o seguinte: cada superquadra deveria possuir um jardim de infância (crianças de 5 a 6 anos), uma escola-classe (crianças de 7 a 14 anos) e para cada quatro superquadras uma escola-parque, com atividades artísticas, físicas e manuais, funcionando em contraturno para os alunos de quatro escolas-classe. E dessa forma, seria então formado os Centros de Educação Elementar, pela tríade jardim de infância, escola-classe e escola-parque (TEIXEIRA, 1961; ANJOS, RIBEIRO; SÁ, 2023). Contudo, foi se tornando cada vez mais nítida a distância entre o planejado e o real. A equação que levou a isso pode ser descrita por uma cidade inaugurada ainda com construções inacabadas somada a uma população em crescimento acelerado ávida por serviços de moradia, educação, saneamento etc. Portanto, aos poucos Brasília foi se desenhando para suprir as necessidades, fora do escopo do planejado. Anjos, Ribeiro e Sá (2023), corroboram ao dizer que é marcante a coluna da autora Yvonne Jean, que em diversas passagens citava os desdouros que vivenciava o ensino público brasileiro, ainda que tenha sido

uma capital federal planejada, com escolas pensadas por um dos maiores intelectuais e por agentes públicos de equivalente sagacidade e atividade no desenvolvimento da educação brasileira.

Ademais, mesmo nos jardins de infância públicos, era requerido dos pais o pagamento de taxas para o Caixa Escolar, que tinha o intuito de suprir a escola de materiais para uso dos professores e dos alunos. Esse acontecimento, reforça a insuficiência do Estado para prover a qualidade na Educação Infantil, permitindo que os pais das crianças suprissem a sua ausência. Contudo, os pais procuravam se desvencilhar dessa obrigação. Estes, teciam críticas sobre o alto custo dos pagamentos e argumentavam que as escolas já recebiam verba federal e municipal destinada a compra destes materiais (CB, 29/03/1961, p.8).

Luz e Anjos (2022), relatam que o Caixa Escolar era financiado não apenas pelas contribuições periódicas e individuais dos pais, mas também por eventos, como as festas juninas por exemplo. Os autores, reforçam que os usos do Caixa Escolar eram destinados ao custeio das necessidades da instituição, seja no atendimento a crianças sem recursos, compra de materiais escolares e merenda. Quanto a esta afirmação, Kuhlmann Jr. (2000), explica que a história da Educação Infantil brasileira é complexa e não linear, assim como é fruto de muitas lutas sociais. Com isso, durante muito tempo foi vista apenas como assistencialista, vinculada ao movimento higienista, cujos destinatários eram as famílias com vulnerabilidade social, em que as mães não podiam deixar de trabalhar, ainda que com crianças pequenas. Dessa forma, o Caixa Escolar também tinha este caráter, quando destinava uma parte dos recursos para a compra de materiais para as crianças em vulnerabilidade social.

No que diz respeito às práticas pedagógicas, é registrado que as crianças durante o período de permanência no jardim de infância aprendiam a rezar de acordo com a religião Católica, o que gerou manifestação de uma mãe de uma menina de 4 anos, uma vez que esta era atea e o ensino de orações e até mesmo sobre a existência de seres celestiais, ia contra o tipo de educação e crença dos pais da criança (CB, 04/04/1961, p. 4). Baldez, Guimarães e Tavares (2023), ressalta que constava no plano educacional que a escola seria pública, laica, gratuita e de qualidade, como um direito para todos os indivíduos, independentemente da idade, gênero, cor ou classe social. Ainda assim, conforme o jornal relata, a diretora afirmava desconhecer esse direito e até mesmo o livro da Constituição, que a mãe da criança apresentou para reforçar a sua justa solicitação por uma educação laica.

A professora Dinah B. Barboza, menciona na notícia “Professoras não têm culpa pelos gastos dos alunos”, (CB, 05/04/1961, p. 3), que o desenho e o recorte são métodos para ocupar a criança e desenvolver a sua inteligência, além de proporcionar a elas um “alegre

divertimento”, o que justifica a lista de materiais pedida aos pais das crianças do jardim. Em suas palavras, as professoras se dedicam a entreter e orientar as crianças com paciência e de forma racional, educando e ensinando-as habilidades de higiene, socialização e companheirismo.

Em adição, a jornalista Helen Palmer escreve na coluna “Feira de Utilidades” (CB, 10/06/1961, p. 7), que o jardim de infância auxilia a encontrar as necessidades individuais da criança, bem como ajudá-la a tornar-se um membro cooperativo do grupo. Via de regra, torna a criança mais flexível, criativa e independente em suas brincadeiras e que permite que elas percebam que a satisfação de todo um grupo pode ser mais importante do que as suas vontades próprias. A autora ainda pondera que, no jardim de infância o planejamento diário inclui momentos de descanso, o que desencadeia a diminuição da agressividade e irritabilidade, deixando a criança mais apta as obrigações escolares. Helen Palmer, afirma que o estágio do nascimento aos seis anos de idade é o mais rico em aprendizagem e defende que em casa as crianças não podem encontrar as mesmas possibilidades e experiências. Ela acrescenta que a prática de jogos e danças ajuda a promover o desenvolvimento dos grandes músculos e, segundo ela, proporciona uma vida sadia e postura correta. Para fechar, argumenta que em relação à merenda, a professora sabe preparar uma dieta racional e que comendo em grupo a criança tende a aceitar alimentos que rejeita veementemente em casa.

O relato que consta nas fontes citadas acima, vão de encontro ao que Kuhlmann Jr. (2000), afirmava a respeito da educação das crianças pequenas nesta década. Qual seja, uma Educação Infantil de cunho assistencialista, higienista e focada na representação social, bem como pelo reforço de comportamentos desejáveis que a criança adquirisse ou mantivesse. Segundo Silva (2020), as professoras que vieram para Brasília tiveram a sua formação em diferentes locais do país, tendo que lidar ao mesmo tempo com os problemas de moradia e com a adaptação à estrutura pensada para a sua docência. A autora tomou como base os Manuais que circularam em Brasília na década de 1960 e constatou que havia uma centralização no papel da professora e em como ela deveria agir. Neles também havia orientações a respeito da importância dos recursos materiais, da organização dos espaços e práticas que abordssem o brincar. Ainda de acordo com a autora, a professora era responsável por dar as atividades e ensinar as crianças. Ademais, afirma que havia espaços para as crianças correrem, móveis adaptados para as suas idades e atividades lúdicas, jogos e recreação, que ocorriam principalmente na área externa.

Por meio do Correio Braziliense, foi possível concluir que as crianças do jardim de infância, em 1961, participavam de momentos de ludicidade, como em comemorações festivas

com as professoras no Iate Clube de Brasília em razão da “Semana da Criança”, bem como comemorações de aniversários e participação em exposição de artes (CB, 1961).

A jornalista Yvonne Jean acompanhou muitos desses momentos dos jardins de infância, fazendo visitas *in loco*, bem como participando das festas, formaturas e comemorações diversas, às quais era constantemente convidada. Assim, ela falava com muita propriedade a partir do seu contato direto com o cotidiano dos jardins. De outra maneira, é correto afirmar que as suas observações vieram a se tornar um recurso valioso, permitindo vislumbrar o início de uma cultura escolar, portanto um inestimável material para a história de educação infantil brasileira (ANJOS; RIBEIRO; SÁ, 2023).

Yvonne Jean, (CB, 01/02/1962, p. 2), traz à tona um problema que continua atual¹, mas que se configura nas fontes como antigo, qual seja a falta de um número adequado de jardins de infância em funcionamento, capaz de atender a toda a população de Brasília e a região do seu entorno. Os locais com um maior apelo são a Asa Norte, Gama, Núcleo Bandeirante e Taguatinga. Inclusive, a autora atenta também para o fato da maioria dos pais com filhos no jardim de infância, trabalharem 8 horas por dia, não estando os jardins funcionando em período integral. Portanto, o funcionamento dos jardins em período integral, conforme elucidado por Yvonne Jean, foi mais um dos planos para a educação em Brasília que não se concretizaram (BALDEZ; GUIMARÃES; TAVARES, 2023).

Em relação às práticas e o brincar, o ano de 1962 não mudou o seu direcionamento dos anos anteriores. Os momentos de comemorações foram marcantes no decorrer do período letivo, como uma recepção para os alunos do Jardim de Infância da 208, organizada pelos filhos do Presidente João Goulart, que estudavam naquele jardim. Iniciou-se também a tradição das festas juninas nos jardins de infância, que serviram de outra maneira para arredar recursos financeiros para o Caixa Escolar e, as comemorações da “Semana da Criança” e da “Semana da Asa”, onde as crianças do IPASE (Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado), tiveram a oportunidade de experienciar um passeio de avião em um Douglas da FAB (Força Aérea Brasileira).

¹ A afirmativa considera o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014-2024), com a Meta 1 - Educação Infantil, que consistia em universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE. Quanto as crianças da pré-escola, conseguiu-se alcançar 81%, enquanto que, com as crianças das creches, apenas 23.2%. (INEP, 2018).

Chamon (2002), considera as festas escolares um objeto da história da educação. Para a autora, as festas escolares possuem um ritual e uma simbologia, que mesmo sem regulamentação, permite aos historiadores compreenderem os comportamentos a elas relacionados, as suas representações coletivas e a sua ressonância social. Outrossim, as festas que ocorriam nos jardins de infância vão de encontro ao que propunha Anísio Teixeira, valorizando a centralidade da criança nos processos de ensino-aprendizagem em uma pedagogia ativa e fazendo da escola um ambiente social simplificado (PEREIRA et al., 2011; CARVALHO, 2002; ANJOS; RIBEIRO; SÁ, 2023; BALDEZ; GUIMARÃES; TAVARES, 2023).

Yvonne Jean, (CB, 06/06/1962, p. 9), registra uma atividade pedagógica que ocorreu no Jardim de Infância da SQ. 108, também conhecido como Jardim de Infância do IAPB. Assim, a jornalista Yvonne Jean escreve:

As crianças misturam as tintas nas caixas de papelão nas quais chegam os ovos. Abertas e esvaziadas comportam 12 ou 24 escavações ideais para o pintor de aquarela ou guache. Não joguem fora as caixinhas de ovos. Ofereçam-nas a um dos jardins de infância de Brasília. (CB, 1962, p. 9).

Essa atividade é noticiada, principalmente, para mostrar que apesar de algumas não concretizações, o Plano Educacional de Brasília estava em parte acontecendo conforme o planejado (ANJOS; RIBEIRO; SÁ, 2023). Com o mesmo intuito é noticiado a criação do primeiro jornal do jardim de infância, o qual recebeu o nome de “Cirandinha”, que foi sugerido pelas próprias crianças da sala azul da professora Vera Lúcia do Jardim de Infância da SQ. 108.

No mesmo sentido, foi notícia as crianças do jardim assistindo a peças de teatro, assim como atividades mostrando a vivência escolar, cuidando da área verde dos prédios onde estavam matriculadas e fazendo pinturas e colagens a partir do tema da natureza.

Outro registro foi a volta das férias, onde ficou registrado as crianças sentadas no chão, ouvindo as histórias contadas pela professora e descrevendo as atividades que participaram durante as férias, bem como suas impressões. No decorrer daquele ano, também ocorreram idas ao cinema, teatro e dia de jogo de futebol, com os pais assistindo. Além disso, as crianças também fizeram passeios ao Iate Clube de Brasília, acompanhados pelas professoras (CB, 1962). Aqui temos o vislumbre da participação dos pais nos momentos lúdicos dos filhos no jardim, ainda que apenas assistindo.

Anjos, Ribeiro e Sá (2023), reiteram que essas manifestações pedagógicas, destacando a ação das crianças, eram notícias que o jornal possuía grande interesse, pois mais uma vez,

elas denotavam que os princípios pedagógicos da nova capital estavam de fato se concretizando. Assim, nota-se que havia uma preferência por determinados fatos e assuntos a serem narrados, direcionando o olhar do leitor do jornal para o que se queria que fosse visto, enquanto outros eram, de igual forma, propositalmente omitidos.

Com iniciativa da Fundação Cultural o Jardim de Infância da Caixa Econômica foi convidado para assistir a um espetáculo de fantoches, intitulado “A Cigarra e a Formiga”. Já no Jardim de Infância da SQ. 114, o jornal menciona uma festa junina, onde Denise, a filha do Presidente João Goulart, foi a noiva caipira da dança de quadrilha. Na programação da festa havia jogos e a venda de comidas típicas para o Caixa Escolar. A festa aconteceu com a participação dos pais e organização das professoras, às quais são chamadas de delicadas professoras pela jornalista Katucha, em sua coluna “Sociais de Brasília” (CB, 1963).

Ainda sobre as práticas pedagógicas, o Jardim de Infância da Caixa Econômica, na Praça 21 de Abril, participou de uma “Semana do Trânsito”, com homenagem ao guarda de trânsito. As crianças fizeram demonstrações de condução do trânsito, abrindo e fechando conforme o necessário. De igual modo, utilizaram as salas de aula para fazer uma exposição de trabalhos com a mesma temática da semana, além de maquetes representando algumas vias de Brasília e utilizando automóveis em miniatura. Ao final, executaram uma homenagem por meio da canção do “Guarda de Trânsito”, aos profissionais que estiveram presentes durante o evento (CB, 1963).

Além disso, o Jardim de Infância da SQ. 108, montou uma atividade lúdica, na qual as crianças “fizeram de conta” que trabalhavam em um posto de gasolina, onde venderam mercadorias e até mesmo abriram um banco, com integral planejamento destas. Também nesse Jardim, foi comemorado o “Dia do Velhinho”, 27 de setembro, instituído pela Associação Luiza de Marillac. Conforme narrado a atividade teve números de música, canto e teatro de fantoches. Após, as crianças recepcionaram a “Vó Pulquéria” e a “Vó Emelina”, duas idosas, com presentes e doces. A atividade foi organizada pelas professoras Vera Lima de Melo Pires (diretora) e Imaculada Carvalho Pires (CB, 1963).

Neste ano de 1963, ainda ocorreu uma exposição de artes com um concurso de desenho, organizado pela mídia televisiva e pelo jornal Correio Braziliense, à qual os jardins de infância de Brasília fizeram parte. Em conjunto com a divulgação dos vencedores e os seus respectivos prêmios, foi divulgado um parecer pela Comissão Julgadora, que sugeriu que houvesse uma menor discriminação entre os prêmios no futuro, por se tratar de trabalhos feitos por crianças e que todos os desenhos selecionados deveriam ser premiados. A Comissão Julgadora foi composta por: Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Hugo Mund Júnior, Léo

Dexheimer e Maria José Costa Souza. No total, dez crianças foram premiadas, sendo uma do jardim de infância (Maria Carolina de Paula, 6 anos, Jardim de Infância da SQ. 208), ficando em sexto lugar e recebendo o prêmio oferecido pela professora Nise Obino, o qual não foi mencionado o que seria. Contudo, o primeiro lugar ganhou uma viagem para Belo Horizonte, Rio de Janeiro ou São Paulo, com estadia de 3 dias para a criança e um acompanhante (CB, 13/10/1963, p. 9). É interessante notar que em 1963 havia uma preocupação com a infância da criança e o seu desenvolvimento. E que tal construção já estava evidenciada na década anterior, como ponderam Venzke e Felipe (2015):

Organizações intergovernamentais, principalmente a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (OMEP), a partir da década de 1950, influenciaram na nova proposta brasileira para o atendimento pré-escolar, que visava ao trabalho de assistência às crianças pobres. Começava, então, a surgir no Brasil o modelo de uma pré-escola de massa. É possível afirmar que nesse contexto foram estabelecidas relações de poder na busca de uma definição dos rumos a seguir quanto ao cuidado e amparo das crianças em situação de vulnerabilidade social. Ou seja, os sujeitos e as instituições imbuídas de maior autoridade ditaram as normas e definiram as ações consideradas mais adequadas para aquele contexto em que se expandia a educação pré-escolar. Nesse período, o prédio da Casa da Criança São Francisco de Paula foi ampliado tendo em vista a qualidade do Jardim de Infância. Esse empreendimento somente se efetivou depois de um estudo minucioso das condições do prédio e das impressões relatadas pela “Madre” em visita a vários estabelecimentos de Porto Alegre/RS. No entanto, a sua inauguração aconteceu somente em julho de 1956, após várias campanhas junto à comunidade pelotense para angariar fundos, possibilitando também a aquisição de mobiliário específico para as crianças dessas turmas. [...]. (VENZKE; FELIPE, 2015, p. 211).

Retomando o disposto no jornal, a Comissão Julgadora teve muita delicadeza em perceber e se fazer ouvir em relação ao concurso de desenho na exposição de artes organizada pela mídia. Também é digno de nota a quantidade de atividades pedagógicas envolvendo o lúdico e o brincar, vindo a demonstrar que esse não é um pensamento que surgiu apenas recentemente.

Com o encerramento do ano letivo, as crianças do Jardim de Infância da SQ. 108, interpretaram a peça infantil “Sonho de Natal”. Ademais, o 1º e 2º período homenagearam o 3º período com a dramatização da peça “O Coelho Betim quer voar”, caracterizados como coelhinhos, abelhinhas, borboletas e pássaros. A peça teatral foi inspirada em Santos Dumont, o “pai” da aviação. Em seguida, as crianças do 3º período também fizeram a sua homenagem, cantando “O Hino de Despedida do Jardim” (CB, 07/12/1963, p.6).

Kramer (1992), reforça que na década de 1960 havia preocupação com a recreação das crianças, o que também podia ser percebido por meio da construção de espaços abertos para estas atividades. No entanto, a autora ressalta que ainda assim era muito forte o caráter

assistencialista, ao qual foi submetida a educação das crianças, onde a preocupação era mais na criança ter um lugar para ficar e ser protegida do que uma instituição educacional.

Na mesma direção, existia uma preocupação quanto à estrutura física dos jardins que estava comprometida, colocando as crianças em perigo. Um exemplo é o jardim localizado na quadra 206, onde havia colunas de luz do teto soltas e prestes a desabar, assim como tomadas abertas, com fios soltos, bebedouros e descargas quebrados e livros amontoados em um canto por não haver estantes para eles ficarem guardados e preservados (CB, 1964).

Chahin (2018), evidencia que o Plano Educacional de Brasília foi formulado no contexto desenvolvimentista brasileiro, quando edifícios escolares e ideais pedagógicos foram articulados. No entanto, Luz e Anjos (2022), afirmam que o Plano Educacional de Brasília proporcionou a concretização de uma utopia educativa. Pinto, Müller e Anjos (2020), corroboram ao sustentar que muitos jardins foram colocados em funcionamento em ambientes insalubres e precários, desviando dos ideais arquitetônicos intencionados para as escolas da nova capital, por exemplo o Jardim de Infância da SQ 108, começou a funcionar dentro de uma estrutura de madeira, cuja população deu a alcunha de barracão, contradizendo veementemente a proposta arquitetônica definida para as escolas.

Já o Jardim de Infância da SQ. 208, ficou durante muito tempo sem nenhuma reforma e começou a apresentar rachaduras na parede, até ser interditado por risco de desabamento. O Jardim recebia 205 crianças de várias quadras de Brasília e do Cruzeiro, que desde agosto de 1964 ficaram sem aula. Somente após a avaliação da Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil), foi definida uma previsão de retorno para março de 1965. Em relação às professoras, estas foram transferidas para outros estabelecimentos. E o bairro do Cruzeiro, ganhou o seu primeiro jardim de infância em novembro de 1964 (CB, 1964).

A coluna “O Ensino dia a dia” da jornalista Yvonne Jean (CB 09/12/1964, p.9), definiu os jardins de infância de Brasília como “simpáticos, alegres e bem montados”. Yvonne Jean, mencionou também que a maioria das professoras gosta da sua especialidade e segue o método moderno, segundo ela, de aproximação da criança com o “aprender a aprender”. Contudo, a jornalista critica as disciplinas que vêm sendo ensinadas nos jardins de infância, que são: Língua Pátria, Aritmética e Geometria, Estudos Sociais e Ciências Naturais. Para ela, há um exagero, considerando que as crianças nessa etapa ignoram até mesmo o significado dessas palavras, qual geometria, língua pátria (ao invés de português). A jornalista ainda provocou ao questionar se está certo o sentido por trás dessas palavras ser ignorado. Desse modo, a mesma acredita que essas crianças deveriam tão somente serem preparadas para receber no futuro o ensino, obtendo o máximo de proveito por terem no jardim de infância aprendido a escutar, raciocinar e

disciplinar o pensamento, sem o propósito de torná-los, em suas palavras, “poços de sabedoria, geniozinhos prodígios”.

Abi-Sáber (1963), menciona que a criança não deveria ir ao jardim de infância para aprender conhecimentos acadêmicos, mas sim para se desenvolver, adquirir experiências, amadurecer, viver e conviver com seus semelhantes. Entretanto, a autora relata que não era raro que as crianças fossem colocadas em atividades que demandavam além das suas capacidades, exigindo delas a leitura, a escrita e conceitos matemáticos, corroborando com a colunista Yvonne Jean. Ressalta ainda que, com a falta de resultados positivos ou na ausência de avanços das crianças, estas eram então consideradas “inúteis”.

A partir do Correio Braziliense é possível ter um vislumbre de como eram os jardins de infância. O trecho da notícia afirma que os jardins de infância eram “simpáticos com as suas cadeirinhas *Knoll*, desenhos nas paredes, brinquedos, garagens e armazéns que ensinam a comprar, fantoches que aproximam do teatro, e tudo o mais” (CB, 11/12/1964, p.9). Dessa forma, nota-se que o mobiliário dos jardins era adaptado para uso das crianças e que havia um cuidado para criar-se um ambiente para atividades lúdicas.

Chegamos no jornal no ano de 1965 e é possível perceber que a preocupação com a estrutura do Jardim de Infância da SQ. 208 ainda persistiu. Houve uma tentativa de recuperá-lo reforçando a laje com cimento em janeiro de 1965, no entanto, a dimensão do problema aumentou e optou-se pela demolição. Do outro lado, o Jardim de Infância da SQ. 305 teve concluída a sua construção, mas a ligação da luz e da água não foram realizadas. Nessa direção, o Jardim de Infância da 308 também foi inaugurado, contudo conforme relata o jornalista Ari Cunha, da coluna “Visto, Lido e Ouvido”, não estava apto a receber as crianças por não terem sido encomendado o mobiliário (CB, 1965). Ou seja, os problemas a respeito da arquitetura dos jardins de infância se repetiam ano após ano, com o agravante da falta de organização e planejamento para estarem em funcionamento integral antes das aulas começarem, isto é, com o básico, água, energia elétrica e móveis.

Quanto às práticas pedagógicas, a diretora do Jardim de Infância da SQ. 305, professora Dulce Helena Cramer de Garcia, foi até a Suécia visitar os jardins de infância deste país. Segundo ela, trouxe exemplos e lições de Estocolmo, como a “sala do barulho”, que tem a intenção de implementar e a falta absoluta de horários, que já estava aplicando no seu jardim de infância. Assim, o horário de entrada e saída era de acordo com as atividades da mãe da criança. A professora Dulce Helena, afirma que há horário para o recreio, merenda e aula de música, mas as outras atividades dependem da vontade do grupo. Ela exemplifica da seguinte forma: se os alunos estão fazendo colagem e está marcada uma pausa e uma hora de ouvir

histórias, mas as crianças estão ansiosas para continuar a colagem, então elas o fazem até o tempo em que tiverem vontade e a história é remanejada para outro dia. Ou seja, não há interrupção das atividades enquanto elas empolgam as crianças, mas há interrupção assim que elas perdem o entusiasmo (CB, 1965).

No que diz respeito aos brinquedos, Dulce Helena, disse não ter visto nenhum “brinquedo comprado” nos jardins de infância da Suécia e que aos poucos pretende substituir os brinquedos caríssimos e efêmeros do jardim por outros feitos à mão pelas crianças, de acordo com a inspiração do momento. Além disso, afirma que já encomendou balanços feitos com pneus usados, pintados, com alças de ferro e correntes, a partir do desenho que copiou durante a sua viagem. Outra pretensão é construir um parque rústico, com balanço e brinquedos feitos de tocos de madeira, que segundo ela, são mais resistentes do que os modelos comerciais, alvo constante de adolescentes e adultos que os quebram. Além do mais, ela procura por um barril grande pelo Distrito Federal (DF), para replicar uma casa de bonecas que viu na Suécia, feitas em um simples barril imenso (CB, 23/06/1965, p. 2).

Em contrapartida, apesar da ideia de Dulce Helena de mudança do cenário e objetos escolares, as atividades, mesmo sem horários bem delimitados, ainda iam de encontro ao que já vinha acontecendo nos jardins de infância de Brasília. Silva (2020), aponta que até então a rotina das crianças nos jardins eram entorno, principalmente, das atividades livres e múltiplas, como hora das novidades, da historinha, dos jogos, brincadeiras, exercícios, cantinho da boneca, música, teatro, artes plásticas, recreio, ginástica, lanche e avaliação do dia. Portanto, a rotina era bem diversa de acordo com o levantamento realizado pela autora e condizente com os relatos encontrados no jornal.

A colunista Lenice, do “Correio Feminino” (CB, 11/11/1965, p. 3), menciona que muitos pais compartilham a opinião que o jardim de infância não proporciona um bom aprendizado para os seus filhos, uma vez que as atividades que são aplicadas são muito vagas. Em compensação, Lenice argumenta que o jardim de infância é uma fase preparatória para a criança se encontrar no futuro. Desse modo, não é apenas sobre aprender a ler e escrever, mas também de se deparar com descobertas, se encontrar consigo e se preparar para o próximo período escolar com mais segurança. Lenice, considera que esta é uma fase “primitiva”, em suas palavras, de desenvolvimento escolar e pessoal. Apesar disso, ela tem ciência que nos estabelecimentos pagos pelo governo a assistência é escassa e as crianças absorvem muito pouco de aprendizado. Por meio de Lenice, observa-se que ainda nos primeiros anos dos jardins de infância já ocorria a sua desvalorização pelos chefes do Poder Executivo e pela população, que em sua maioria percebia o espaço apenas como um local para deixar as crianças e não como

uma instituição de ensino. Castro, Silva e Moura (2017), reforça em seu estudo que na década de 1960, os jardins de infância não eram valorizados pelas autoridades e nem pela sociedade, que não tinha consciência da necessidade e do valor do ensino pré-primário. Alguns achavam que o jardim de infância era um luxo sobre o qual não poderiam arcar e outros, pensava que era um local apenas para brincadeiras e passatempo.

O acompanhamento dos jardins de infância pelas páginas do jornal Correio Braziliense nos apresenta os eventos festivos dos jardins, principalmente em junho (festa junina), a Semana da Asa, a Semana da Criança e no final do ano, devido ao encerramento do ano letivo e promoção para o próximo período escolar. Não obstante, o jornal Correio Braziliense (CB, 26/06/1966, p. 2), menciona que as crianças matriculadas na Escola de Aplicação de Taguatinga, anexa ao CEMAB (Centro de Ensino Médio Ave Branca), se beneficiam de modernos métodos de iniciação aos estudos. O que quer dizer que, crianças de 4 a 6 anos recebiam ensinamentos de educação doméstica e social, desde o hábito de lavar regularmente as mãos à forma de tratar os colegas cordialmente. Ademais, elas também eram iniciadas na aritmética e na linguagem, bem como participavam das comemorações juninas do CEMAB, inclusive nas quadrilhas.

Oliveira e Anjos (2024), expõem que as práticas festivas na Semana da Criança eram ao mesmo tempo celebrativas e educativas, pois, por meio delas procurava-se propor determinados hábitos, comportamentos e condutas, incentivando a formação de crianças a partir de um modelo que acreditava-se ser exemplar e pretendia-se estimular e exaltar, tornando-as a criança expectadora e sensível às manifestações artísticas, bem-educada para a prática da arte e educação física, esportista/competitiva, sadia e bem alimentada, conforme o ideal do que seria uma criança exemplar na época.

Mencionando as práticas pedagógicas, o Jardim de Infância da SQ. 308 e o Jardim de Infância Pequeno Príncipe, organizaram uma festa para o “Dia das Mães” em seus estabelecimentos educacionais. Além disso, o Jardim de Infância São José, em Sobradinho, promoveu ensaios para a Festa de São João. E do outro lado, o Jardim de Infância da Praça 21 de Abril encerrou o ano letivo com a encenação da peça “João e Maria” (CORREIO BRAZILIENSE, 1967). Foi um ano que o jornal focou em discorrer sobre a arquitetura e atividades comemorativas nos jardins de infância. Destaca-se que, mesmo fora do Plano Piloto, a área central de Brasília, as regiões administrativas também seguiam a mesma dinâmica, como registrado no jardim de Sobradinho.

Seguindo nas notícias do ano de 1968, percebe-se um reforço do problema da quantidade de vagas disponíveis para matrícula no jardim de infância. Como solução, foi estabelecido o

funcionamento dos jardins de infância em três turnos, objetivando aproveitar melhor o prédio e estender o número de vagas para 700 crianças. A organização dos horários ficou da seguinte forma: das 8 às 11 horas para as crianças entre 4 e 5 anos de idade, das 11:30 às 14:30 para as crianças de 6 anos e, das 15 às 18 horas também para as crianças de 4 a 5 anos (CB, 11/02/1968, p. 8).

Pinto, Müller e Anjos (2018), levantou considerações a respeito da desigualdade que esteve presente em Brasília desde a sua construção. Os autores destacam que essa desigualdade se deu não somente de forma geográfica, com as divisões entre o Plano Piloto e as Regiões Administrativas do Distrito Federal, mas também ocorreu no sistema educacional, mormente na Educação Infantil. Dessa desigualdade surgiu uma utopia, devido ao distanciamento entre o plano moderno, que propunha ser um exemplo para todo o país, e a realidade na qual houve demora para a sua implantação, levando a arranjos como jardins de infância funcionando precariamente em barracões. Spagna e Silva (2020), afirma que muitos pontos do plano de Anísio Teixeira não atingiram a sua concretude, principalmente devido à grande demanda da cidade em crescimento. No entanto, os autores destacam que Brasília ainda estava em um processo de construção quando ocorreu o Golpe de 1964, que acarretou uma significativa mudança no cenário político, de forma que a educação inovadora, transformadora e democrática, não cabia mais no país que agora estava sob um regime de ditadura militar.

O Jardim de Infância da SQ. 208 iniciou o ano de 1968 ainda fechado e sem reforma, mas no mês de julho a Novacap começou a recuperá-lo. Além disso, esse foi um ano de aumento no número de jardins de infância da iniciativa privada. Por outro lado, o Correio Braziliense, também menciona que as novas quadras que estão sendo construídas em Brasília, não estão seguindo o Plano Diretor, que previa que cada superquadra deveria contar com uma escola-classe e um jardim de infância. A Prefeitura do Distrito Federal (PDF), fez a alegação de que não há recursos financeiros para que tudo seja realizado de acordo com o Plano (CB, 24/07/1968, p. 4).

No Jardim de Infância da SQ. 308, os professores e as crianças trabalharam o “Dia do Índio”, com as crianças vestidas a caráter, com muitas cores, enfeites de penas, missangas e outros adornos de cores vivas. Na área gramada em frente ao Jardim, as crianças dançaram e cantaram músicas típicas indígenas. As crianças, também, fizeram a encenação de uma “taba”, onde o cacique fez uma saudação e uma índia dançou e cantou “Só Tupã”. Depois, a atividade ocorreu no Jardim de Infância da SQ. 305, onde as crianças, de igual forma, cantaram músicas indígenas, declamaram e dançaram caracteristicamente, todas “enfeitadas de índios”, conforme a redação do Correio afirmou. Com orientação da diretora Myrthô Gonçalves de Oliveira e das

professoras, as crianças estudaram durante a semana sobre os costumes, alimentação, vestuário, armas e ornamentos indígenas, por meio de estorinhas e exposições. O registro menciona que o objetivo “era mostrar que o índio é um ser humano igual a nós e não um guerreiro temível” (CB, 27/04/1968, p. 1). Ainda que atualmente a visão sobre os povos indígenas tenha mudado um pouco, não obstante é visível os resquícios desse preconceito nas nossas escolas e na sociedade.

Em se tratando do Jardim de Infância da SQ. 305, este teve uma tarde de trabalho com alunos, mães e professoras, como atividade do “Dia das Mães”. As crianças nesta atividade ofereceram uma rosa vermelha para as mães. Já no mês de setembro de 1968, o Jardim de Infância da SQ. 308 recebeu a visita da esposa do Presidente Eduardo Frei, do Chile, momento esse em que as crianças corresponderam fazendo um desfile de saudação, caracterizadas como soldados das forças armadas chilena. Indo para o mês de outubro, na “Semana da Criança”, este Jardim fez uma atividade comemorativa, com as crianças com os rostos pintados como o de um palhaço, portando chapéus de cone e tiveram uma apresentação de teatro de fantoches, realizada pela professora. Enquanto na “Semana da Asa”, quem participou foi o Jardim de Infância Coelhinho Branco, localizado em Taguatinga, onde as crianças participaram de um passeio aéreo (CORREIO BRAZILIENSE, 1968).

Novembro de 1968 foi um mês com um caso histórico que é mencionado até os dias atuais. O Correio Braziliense (CB, 08/11/1968, p. 3), relata a visita da Rainha Elizabeth II ao Jardim de Infância da SQ. 308. No Jardim ela recebeu uma homenagem de 3 mil crianças que, segundo ela, foi o que mais a emocionou em sua visita ao Brasil (**Figura 1**).

Figura 1- A visita da Rainha Elizabeth II ao Jardim de Infância da SQ. 308



Fonte: Joaquim Firmino/Arquivo Público do Distrito Federal, 1968

No ano de 1969, foi a vez desse mesmo jardim, por meio da diretora Maria Teresa Medeiros Falcão, trabalhar por meio de uma festa de comemoração o “Dia Nacional do Índio”². A atividade aconteceu com danças, músicas e comidas típicas. Eles formaram uma taba indígena com ocas feitas de folhas de palmeiras, enquanto as crianças dançavam em círculos e cantavam a canção “Iepê”. Como comidas típicas, segundo a direção do Jardim, havia bolo de fubá e batata-doce feita em uma panela grande de barro. Os corpos das crianças estavam pintados em várias cores, com cocar na cabeça e lori-lori, feitos com penas em tiras de couro. Em relação aos instrumentos musicais, utilizaram maracá, tambor, coquinhos e pauzinhos, produzindo sons diversos, que segundo a redação do Correio, lembravam mesmo a música dos índios (CB, 25/04/1969, p. 2).

No Jardim de Infância da 312 Norte, as crianças participaram de uma palestra em razão da “Semana da Enfermagem”, discorrendo sobre o tema “A Enfermeira”. Houve participação ativa das crianças, fazendo o papel de paciente para a enfermeira ensinar sobre curativos. Do outro lado, o Jardim N. S. da Providência teve quadrilha junina e apresentação do conhecido palhaço Cacareco. Já o Jardim de Infância do Colégio Rosário participou de uma visita ao Zoológico de Brasília. Nesse sentido, o Jardim de Infância da S.Q. 114 também participou de um passeio ao Parque Zoobotânico. E, seguindo também a mesma direção dos anos anteriores, tiveram as festas juninas, estas no Jardim de Infância da SQ. 305, com intuito de arrecadar fundos para as escolas menos favorecidas do DF, e o Jardim de Infância da SQ. 114, organizada pela professora Floripes (CB, 1969). Cabe uma reflexão dos nossos docentes em relação a essas atividades relatadas com as atividades que ocorrem nos jardins atualmente. Será que seguem este mesmo padrão? Podemos observar bastante mudanças ao longo desses anos, aproximadamente 60 anos, dos primeiros jardins de infância aos jardins de infância atuais?

No mês de setembro de 1969, o Jardim de Infância da Praça 21 de Abril comemorou o seu aniversário de dez anos. O evento teve dramatização musical e teatro. E na semana seguinte, este mesmo Jardim fez a “Festa da Primavera”, organizada com demonstrações artísticas, dramatização musical, bandinha e com enfeites por toda parte, feitos de papel crepom. No mês seguinte, foi a vez dos alunos da professora Maria Alice do Jardim de Infância da SQ. 305 festejarem o “Dia do Mestre”. Eles foram ao Parque da Torre de TV de Brasília, onde compartilharam um lanche oferecido pela “Tia Alice”. E assim, o ano de 1969 se encerra com

² Demarca-se que sabemos que não escrevemos dessa forma, mas como comemoração do dia do indígena, todavia, a nomenclatura foi mantida como utilizada à época.

o Jardim de Infância Denise, fazendo uma festa de formatura com as crianças vestidas com beca verde (CB, 1969).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi o de inventariar nos periódicos disponibilizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, especialmente no Correio Braziliense, na década de 1960, as notícias que tratavam da criança, do seu período de vida e das práticas pedagógicas que a ela eram direcionadas na pré-escola ou pré-primário (nomenclaturas utilizadas para indicar o atendimento educacional às crianças pequenas nesse período)

Tendo o objetivo deste estudo em vista, conclui-se a partir dos resultados discutidos e a partir de uma análise conjunta dos anos de 1960 a 1969, que é possível vislumbrar o percurso da história da Educação Pré-escolar nesta década em Brasília, no sentido disposto de um esforço de inventário. E aqui entendendo o inventário, tal como pontuam Silva, Silva e Pinheiro (2023):

Como um instrumento de considerável relevância para organização, manejo, arquivo e classificação de dados, se bem realizado já se configura como material de análise prévia ao possibilitar uma melhor visualização das fontes conforme determinadas categorias de organização. (SILVA; SILVA; PINHEIRO, 2023, p. 3).

No entanto, é preciso possuir cautela quando analisamos as fontes históricas trazendo o seu contexto à atualidade, pois os conceitos possuem uma construção histórica e passam por modificações e transformações ao longo do tempo (SANTOS, 2020). Kramer (1992), por exemplo, aponta que a ideia de infância, nem sempre existiu da mesma maneira, somente na sociedade burguesa que a criança passou a ser vista como alguém que precisava ser cuidada, escolarizada e preparada para uma profissão. Assim, as transformações dos conceitos são determinadas historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade.

Portanto, Santos (2020) evidencia que a busca nas fontes por vestígios das crianças nos jardins de infância e das práticas a elas direcionadas, esbarra no que consta no plano oficial e no que é evidenciado nas pistas deixadas nas notícias dos jornais, com base naqueles que vivenciaram e transcreveram seus relatos.

Olhando para as práticas pedagógicas que eram direcionadas às crianças do jardim de infância, podemos refletir sobre o currículo que tem sido construído e constituído para a educação das crianças na pré-escola ao longo desses quase 64 anos desde a construção de Brasília e os nossos dias atuais.

Foram recorrentes as notícias a respeito da arquitetura dos jardins de infância, principalmente em relação à precariedade das instalações que colocava as crianças em perigo,

como risco de desabamento e outros problemas na estrutura física dos prédios que foram sendo arrastados ano após ano, sem que ocorresse nenhuma intervenção para que as crianças e as famílias não seguissem sem acesso ao jardim de infância.

Estiveram presentes no jornal Correio Braziliense relatos de atividades envolvendo o brincar e o lúdico, apontando que essa preocupação com a infância, com tornar a criança o centro do processo de ensino-aprendizagem e com o seu desenvolvimento equilibrado e saudável não é uma “invenção” dos dias atuais, mas ocorreu ao longo da história da educação infantil em anos anteriores.

Demonstrado o alcance da presente pesquisa, diante os resultados apresentados em relação aos objetivos relativos à Educação Infantil na primeira década de Brasília, logo após a sua inauguração, destaco como perspectiva futura dar continuidade à pesquisa nessa temática em uma pós-graduação, pois ficou evidente que há muito para ser explorado ainda, ou seja, não se esgota aqui todos os questionamentos e conteúdo a respeito deste tema.

REFERÊNCIAS

- ABI-SÁBER, N.F. **O que é Jardim da Infância**. Belo Horizonte, MG. 1963.
- ANJOS, J. J. T. Ari Cunha e as críticas ao sistema de ensino de Brasília na coluna Visto, lido e ouvido (correio Braziliense, 1960-1965). **Revista História da Educação**, v. 26, p.25, 2022a.
- ANJOS, J. J. T. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). In: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani.; ZIMMERMAN; Tânia Regina. (orgs.). **Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 37-54, 2022b.
- ANJOS, J. J. T. O testemunho dos arquivos e o trabalho do historiador da educação. **História da Educação**, Santa Maria, v. 22, n. 55, p. 279-292, ago. 2018.
- ANJOS, J. J. T.; RIBEIRO, B. O. L.; SÁ, E. F. Festas escolares em Brasília: o olhar da jornalista Yvonne Jean (1962-1968). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 61, n. 70, p. 1-23, e-34015, out./dez. 2023.
- BALDEZ, E.; GUIMARÃES, L. A. A.; TAVARES, T. T. Inventariando fontes, construindo interpretações históricas: a creche e o jardim de infância em Brasília (DF, 1960-1970). **Temáticas**, Campinas, 31, (61): 81-115, fev./jun. 2023.
- BARBOSA, E. B. L. Notícias da pré-escola no Distrito Federal: apontamentos de Yvonne Jean (1960-1964). **Educar em Revista**, v. 37, p. e75364, 2021.
- BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Zahar, Rio de Janeiro, p. 153, 2002.
- BONTEMPI JR., B.; SILVA, C. M. N. **Sobre o "nascimento dos intelectuais": repercussão do "Affaire Dreyfus" nas imprensas paulista e mineira (1898-1899)**. História intelectual e educação: imprensa e esfera pública. Tradução. Jundiaí: Paco, 2019.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base**. INEP, Brasília, 2015.
- CAMPOS, R. D. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, 12 (1[28]), p. 45-70, 2012.
- CARLI, D. T. O documento histórico como fonte de preservação da memória. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 23, n. 47, p. 183-197, 2013.
- CARNEIRO, G. **Brasil, primeiro**-História dos Diários Associados. Fundação Assis Chateaubriand, Brasília, p. 690, 1999.
- CARVALHO, M. Pedagogia da escola nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In: FREITAS, Marcos César; KULHMANN JÚNIOR, Moysés (org.). **Os intelectuais na história da infância**. Cortez, São Paulo, 2002.

CASTRO, R. M.; SILVA, V. P.; MOURA, C. C. F. S. O que é jardim da infância: aspectos para uma pauta de discussões sobre defesas em conflito na história da Educação Infantil brasileira (1960). **Revista Zero-a-seis**, v. 19, n. 36, p. 464-477. Jul-dez 2017.

CHAHIN, S. B. **Cidade nova, escolas novas? Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília**. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CHAMON, C. **Festejos imperiais: festas cívicas em Minas Gerais (1815–1845)**. Editora da Universidade de São Francisco, Bragança Paulista, 2002.

CORREIO BRAZILIENSE. Com mais 700 vagas começam matrículas do pré-primário. **Correio Braziliense**, Brasília, 11/02/1968, edição 02501, p.8.

CORREIO BRAZILIENSE. Correio Estudantil: o ensino dia a dia. **Correio Braziliense**, Brasília, 06/06/1962, edição 00637, p.9.

CORREIO BRAZILIENSE. Correio Feminino: jardim de infância. **Correio Braziliense**, Brasília, 11/11/1965, edição 01672, p.3.

CORREIO BRAZILIENSE. “Domingo de folga” entrega prêmios a pintores-mirins. **Correio Braziliense**, Brasília, 13/10/1963, edição 01044, p.9.

CORREIO BRAZILIENSE. Escola de aplicação do CEMAB prepara crianças para a vida. **Correio Braziliense**, Brasília, 26/06/1966, edição 01859, p.2.

CORREIO BRAZILIENSE. Esquina de Brasília: mais jardins de infância. **Correio Braziliense**, Brasília, 01/02/1962, edição 00538, p.2.

CORREIO BRAZILIENSE. Feira de utilidades. **Correio Braziliense**, Brasília, 10/06/1961, edição 00343, p.7.

CORREIO BRAZILIENSE. Festa no Jardim da Infância da 108 encerra ano letivo. **Correio Braziliense**, Brasília, 07/12/1963, edição 01090, p.6.

CORREIO BRAZILIENSE. Jardim da 308 faz uma taba indígena. **Correio Braziliense**, Brasília, 25/04/1969, edição 02869, p.2.

CORREIO BRAZILIENSE. Jardim de infância insalubre. **Correio Braziliense**, Brasília, 19/03/1961, edição 00277, p.8.

CORREIO BRAZILIENSE. Nenhuma criança ficará sem escola no Distrito Federal. **Correio Braziliense**, Brasília, 19/02/1964, edição 01149, p.8.

CORREIO BRAZILIENSE. O ensino dia a dia. **Correio Braziliense**, Brasília, 09/12/1964, edição 01395, p.9.

CORREIO BRAZILIENSE. O ensino dia a dia. **Correio Braziliense**, Brasília, 11/12/1964, edição 01397, p.9.

CORREIO BRAZILIENSE. O ensino dia a dia. **Correio Braziliense**, Brasília, 23/06/1965, edição 01553, p.2.

CORREIO BRAZILIENSE. Pais de aluno estranham lista de material escolar. **Correio Braziliense**, Brasília, 29/03/1961, edição 00285, p.8.

CORREIO BRAZILIENSE. Planejamento para ensino no D.F. **Correio Braziliense**, Brasília, 11/02/1961, edição 00248, p.7.

CORREIO BRAZILIENSE. Poder revolucionário: infra-estrutura. **Correio Braziliense**, Brasília, 24/07/1968, edição 02639, p.4.

CORREIO BRAZILIENSE. Prefeitura e Novacap: festa na SQ. 105 termina hoje. **Correio Braziliense**, Brasília, 28/06/1961, edição 00357, p.8.

CORREIO BRAZILIENSE. Professora de Brasília ignora a Constituição. **Correio Braziliense**, Brasília, 04/04/1961, edição 00288, p.4.

CORREIO BRAZILIENSE. Professoras não têm culpa pelos gastos dos alunos. **Correio Braziliense**, Brasília, 05/04/1961, edição 00289, p.3.

CORREIO BRAZILIENSE. Reiniciadas as aulas em Brasília: brincam juntos no jardim de infância filhos de Deputados e “Candangos”. **Correio Braziliense**, Brasília, 27/04/1960, edição 00006, p.8.

CORREIO BRAZILIENSE. Sociais de Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, 08/11/1968, edição 02730, p.3.

CORREIO BRAZILIENSE. Visto, lido e ouvido. **Correio Braziliense**, Brasília, 17/12/1960, edição 00200, p.2.

CORREIO BRAZILIENSE. Visto, lido e ouvido. **Correio Braziliense**, Brasília, 18/02/1966, edição 01753, p.8.

CORREIO BRAZILIENSE. Taba na 305. **Correio Braziliense**, Brasília, 27/04/1968, edição 02564, p.1.

CUNHA, M. Eu te dedico: história, educação e sensibilidades nas dedicatórias de livros de um professor catarinense (1940-1980). **Hist. Educ.**, Santa Maria, v. 24, e97920, 2020.

FERNANDES, F.; KUHLMANN JR., M. Análise de periódicos na história da educação: princípios e procedimentos. **Cadernos de Pesquisa**, v.42 n.146 p.562-585 maio/ago. 2012.

FIRMINO, J. **A visita da Rainha Elizabeth ao Jardim de Infância 308 Sul**. 1968. Fotografia. Arquivo Público do DF. Disponível em:< <http://mapa.cultura.df.gov.br/espaco/id:743/>>. Acesso em: 16, jan. de 2024.

HEMEROTECA DIGITAL. **Correio Braziliense (DF): jardim de infância**. Diários Associados, 1960-1969. Disponível em:< <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=02827>

4_01&pasta=ano%20196&pesq=%22jardim%20de%20inf%C3%A2ncia%22&pagfis=172>. Acesso em: 20, set. de 2023.

INEP. **Relatório Linha de Base**. INEP, Brasília, 2018. Disponível em: <https://simec.mec.gov.br/pde/grafico_pne.php>. Acesso em: 05, ago. de 2024.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Cortez, São Paulo, 1992.

KUHLMANN JR, M. Educando a infância brasileira. *In*: FARIA FILHO, L. M.; LOPES, E. M.; VEIGA, C. G. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Autêntica, Belo Horizonte, p. 469-496, 2000.

LIMA, F. S. A ordem do Presidente JK: formação de professores primários e interesses políticos na criação da Escola Normal Júlia Kubtschek, 1960. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 22, p.30, 2022.

LOMBARDI, J. C. História e historiografia da educação no Brasil. Conferência apresentada no **III Colóquio do Museu Pedagógico na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**, Vitória da Conquista, nov. 2003.

LUZ, A. S.; ANJOS, J. J. T. Financiamentos e usos da caixa escolar nos jardins de infância de Brasília (1960-1970). **Revista Entreideias**, v. 11, n. 3, p. 33-58, set/dez 2022.

MARTINEZ, E. C. **A Imprensa Pedagógica como tema e objeto para a História da Educação Paranaense: Jornal Escola Aberta (1986-1988)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

MICROSOFT CORPORATION. **Microsoft Excel**. Versão 2406. Redmond: Microsoft Corporation, 2024.

MORELLI, A. L. **Correio Braziliense: 40 anos – do pioneirismo à consolidação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo (10), dez. 1993.

OLIVEIRA, A. R.; ANJOS, J. J. T. Práticas comemorativas da Semana da Criança na Escola Parque de Brasília (1960-1971). **Inter-Ação**, Goiânia, ISSN eletrônico: 1981-8416, v.49, n.1, p. 16-31, jan./abr. 2024.

PEREIRA, E. W.; COUTINHO, L. M.; RODRIGUES, M. A.; HENRIQUES, C. M. N.; SOUZA, F. H. M.; ROCHA, L. M. F. (org.). **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956–1964)**. Editora EDU-UnB, Brasília, p. 375, 2011.

PEREIRA, E. W.; ROCHA, L. M. F. **Anísio Teixeira e o plano educacional de Brasília**. *In*: Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Eva Waisros Pereira et al. organizadores. Universidade de Brasília, Brasília, p. 375, 2011.

PINTO, V. F. F.; MULLER, F.; ANJOS, J. J. T. Entre o passado e o presente: Contrastes de acesso à educação infantil no Distrito Federal. **Educ.rev.**, Belo Horizonte, v. 34, e187179, 2018.

PINTO, V. F. F.; MÜLLER, F.; ANJOS, J. J. T. Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos Jardins de Infância (1960-1962). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, PPGE/UNESA, Rio de Janeiro, vol. 17, número 47, 2020.

RAGAZZINI, D. “**Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?**”. In: *Educar em revista*. Editora UFPR, Curitiba, p.13-28, 2001.

SANTOS, A. C. A. A. **O Jardim de Infância da Escola Normal de Brasília: vestígios de uma prática**. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, p. 127, 2020.

SILVA, L. N. B. **Indícios das práticas educativas realizadas nos jardins de infância criados na década de 1960 em Brasília**. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, p. 78, 2020.

SILVA, L. S.; SILVA, T. H. C.; PINHEIRO, W. C. A utilização da técnica do inventário como instrumento de pesquisa: uma contribuição metodológica à história da educação na Amazônia. **Educar em Revista**, v. 39, p. e87519, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/s3wvrtBTFhDrQtvR9LFnc5h/#>>. Acesso em: 05, ago. de 2024.

SPAGNA, E. O.; SILVA; V. C. O processo de Escolarização do Distrito Federal na década de 1960: O que dizem os jornais. In: **História e Historiografia da Educação Brasileira: Teorias e Metodologias de Pesquisa**. Francisco Thiago Silva, José Luiz Villar e Lívia Freitas Fonseca Borges (organizadores). Editora Appris, Curitiba, p. 187, 2020.

TAVARES, T. T. **Inventariando fontes, conhecendo os jardins de infância em Brasília 1960-1970**. Trabalho Final de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, p. 66, 2022.

TEIXEIRA, A. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan./mar. 1961.

VENZKE, L. H. D.; FELIPE, J. Professoras e crianças pequenas no contexto da Educação Infantil pelotense em meados do século XX. **Educar em Revista**, n. 55, p. 205–227, jan. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/7GnFfJdwVPSmqwDtJVLZQsJ/#>>. Acesso em: 05, ago. de 2024.

**APÊNDICE A- TABELA A-1- REGISTRO DAS CRIANÇAS DO JARDIM DE
INFÂNCIA (1960-1969)**

Nome da criança	Filiação	Idade	Jardim de Infância	Ano
Heitor Collet	Roberto de Araújo e Dayse C. de Araújo	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1962
Marco Antônio Fernandes Reis	José Teodoro e Mirian	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1962
Wagner Casarotti	Túlio e Maria	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1962
Cláudia Maria	Murilo Arcoverde e Antônia Arcoverde	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1962
Renivaldo	Catarina do Nascimento	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1962
Antônio Justino	Antônio Justino Pereira da Silva e Ainda Muniz Pereira	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1962
Humberto	Humberto Santos e Zeni A. dos Santos	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1962
Valéria	Clóvis Wanderley Paes Barreto e Eloísa Fontes Barreto	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Sônia	João Alves Martins e Vilma Martins da Silva	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Luiz Antônio	Henrique Cavalcanti Lima e Deolinda Cavalcanti Lima	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Artur Luiz	Pedro Paulo de Souza e Mayr de Souza	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Maurício Vargas	Silvio Mendes Campos e Maria de Lourdes Campos	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
João Batista	Adaías Salles de Oliveira e Francisca M. de Oliveira	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Waldir	Waldir Costa Lins e Ana Gladys Lins	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
José Carlos	Carlos Aristides e Albertina Silvania Aristides	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Ana Maria	Ruy César e Carmen N. Pereira	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Elizabeth Cristina	José Raimundo de Souza e Albertina de Souza	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Lisiane	Eduardo Cavalcanti e Eliete Cavalcanti	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Valéria	Manoel Ribeiro e Maria da Glória Ribeiro Costa	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Miguel Alexandre	Raggi Pimenta de Moraes e Leda Pimenta de Moraes	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Wagner	Túlio Casarotti e Maria Casarotti	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963

Ana Lúcia	Ismael Mendes e Carine Mendes	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Marco Antônio	José Teodoro dos Reis e Míriam Fernandes Reis	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Fernando	Manoel Augusto Cortês e Arlene Cortês	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Afonso Alvaro	Orlando Soares Carbonar e Alcina Carbonar	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Godofredo Augusto	José Duarte e Norma Tinoco Duarte	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
José Carlos	José Cabral Braga e Odila B. Cabral Braga	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Benivaldo	Catarina do Nascimento	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Carlos	Ranali de Sá Pereira e Maria do Carmo Pereira	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Solange	Fernando de Freitas e Wilma de Freitas	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Humberto	Humberto Santos e Beni A. dos Santos	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
João Vicente	Presidente da República João Belchior Marques Goulart e Maria Teresa Fonteles Goulart	*	Jardim de Infância da SQ. 108	1963
Renato dos Santos Martins	Rubens Martins dos Santos e Glory dos Santos Martins	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Neivalda Rocha	Nicanor Rocha e Olga Rocha	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1963
Maria Carolina de Paula	*	6 anos	Jardim de Infância da SQ. 208	1963
Denise	Presidente da República João Belchior Marques Goulart e Maria Teresa Fonteles Goulart	*	Jardim de Infância da SQ. 114	1963
Sônia	João Alves Martins e Vilma Martins da Silva	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
Artur Luís	Pedro Paulo de Souza e Mayr de Souza	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
Júlio César	Messias Coelho Freire e Madalena Freire	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
Maurício Vargas	Silvio Mendes Campos e Maria de Lourdes Campos	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
José Carlos	Carlos Aristides e Albertina Aristides	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
Maria Ines	José Rodrigues e Oalny Alves Rodrigues	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
Marco Antônio	Paulo Guimarães e Anita Terezinha Guimarães	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
Luiz Otávio	José Alberto Campos e Zilli Campos	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964

Antônio Justino	Antônio Justino Pereira da Silva e Ainda Muniz Pereira	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
Valéria	Flávio Brum von Sperling e Izilda Juarez Sperling	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
Neivalda	Nicanor Rocha e Olga Rocha	*	Escola Normal N. Sra. de Fátima	1964
Neide	Francisco Bezerra da Rocha e Maria Anita Rocha	*	Jardim de Infância do Colégio Santa Rosa de Lima	1965
Raquel	Paulo Caetano Vasconcelos e Suely	2 anos	Jardim de Infância Chapeuzinho Vermelho	1969

*Não informado.

Fonte: Correio Braziliense, 1960-1969- Elaborado por esta autora.

APÊNDICE B – TABELA B-1- PROFESSORAS ATUANTES NO JARDIM DE INFÂNCIA (1960-1969)

Ano	Nome	Jardim de Infância
1960	Alfa Aguiar	*
1960	Tonia Paczkoski	*
1960	Maria Antonio Jacintho	*
1960	Orbella Souza	*
1960	Maria Amélia Caltabiano Neves	*
1960	Maria Teresa de Medeiros Falcão (Diretora)	*
1961	Neyde de Souza	*
1961	Rubela de Souza Lôbo	*
1961	Maria Auda Pfeilsticker	*
1961	Mariângela Pfeilsticker	*
1961	Maria Amélia Neves	Caixa Econômica
1961	Orbela Lôbo (Vice-diretora)	Caixa Econômica
1962	Vera Lúcia	*
1962	Maria Teresa	Caixa Econômica
1962	Madre Jacinta	Colégio N. S. do Rosário
1962	Neusa França	Caixa Econômica
1962	Maria do Carmo	Quadra 208 (IPASE)
1962	Maria Aparecida de Almeida Tardelli	Quadra 208 (IPASE)
1962	Ana Mendes	Quadra 208 (IPASE)
1963	Haynaldia de Castro	SQ 108 (IAPB)
1963	Beatriz Mendes Chaves Rios	SQ 108 (IAPB)

1963	Vera Lúcia de Melo Pires (Diretora Substituta)	SQ 108 (IAPB)
1963	Imaculada Carvalho Pires	SQ 108 (IAPB)
1963	Dulcemire de Oliveira (Diretora)	Quadra 208 (IPASE)
1964	Eurídice Lima (Diretora)	Pequeno Príncipe
1964	Odete Farjado Teixeira (Diretora)	Escola Metodista da Asa Norte
1964	Maria Amádio de Azevedo (Diretora)	Nossa Senhora de Fátima
1965	Dulce Helena Cramer de Garcia (Diretora)	SQ. 305
1966	Dulce Helena Cramer de Garcia (Diretora)	SQ. 305
1966	Ritinha Lacombe Scarpa	*
1966	Marlene Fernandes de Faria	Igreja Metodista
1966	Marta Ely Pena	Igreja Metodista
1966	Maria Lúcia Pereira (Diretora)	Igreja Metodista
1966	Nilde do Nascimento	Igreja Metodista
1966	Pricila Caixeiro Alves	Igreja Metodista
1966	Mariza da Silva Matta	Igreja Metodista
1966	Maria José Aversa (Vice-diretora)	Praça 21 de Abril
1967	Maria José Aversa (Vice-diretora)	Praça 21 de Abril
1967	Maria Teresa Medeiros Falcão (Diretora)	Praça 21 de Abril
1968	Beatriz Ros (Vice-diretora)	SQ. 305
1968	Clotilde	CBESB Taguatinga
1968	Rosi Gomes	Sossego da Mamãe
1968	Maria Medeiros Falcão	Sossego da Mamãe
1968	Maria José Teixeira Aversa	Sossego da Mamãe
1968	Ana Maria Tupinambá Albuquerque Mello	Sossego da Mamãe
1968	Maria Antônia Jacinto	Sossego da Mamãe
1968	Elena Bianchetti	SQ. 308
1968	Maria Teresa de Medeiros Falcão (Diretora)	SQ. 308
1968	Myrthô Gonçalves de Oliveira (Diretora)	SQ. 305
1969	Maria Teresa de Medeiros Falcão (Diretora)	SQ. 308
1969	Nunciata Luzia Gomes Peres (Diretora)	SQ. 114
1969	Maria Ângela Ferreira (Diretora)	SQ. 308
1969	Floripes da Cunha Pereira	SQ. 114
1969	Dores Brochado (Diretora)	Praça 21 de Abril
1969	Maria Alice Oliveira	SQ. 305

* Não informado.

Fonte: Correio Braziliense, 1960-1969- Elaborado por esta autora.